Salomão Rovedo

LIRIANA



(contos)

Rio de Janeiro

1985

Índice

As estranhas experiências de Maurice B.

MAURICE B. SE TRANSFORMOU num dos últimos condenados a ser executado pelo primitivo sistema da guilhotina. No dia seguinte à sua morte uma lei transporia as barreiras das Altas Câmaras da França aposentando a guilhotina de uma vez por todas da sua fatídica missão. Com a lâmina gasta e ensanguentada por milhares de execuções, porém cada vez mais afiada, ela jamais envergonhou os dias de grandeza e glória da época áurea da Revolução.

O condenado Maurice B. foi acordado de repente na madrugada pelo violento foco de inúmeras luzes, que clarearam totalmente o recinto onde ele se encontrava: corredores e salas que o levariam ao pátio de execução. Era a luz dos refletores da TV que acompanhava as autoridades que iriam executar os procedimentos formais ao cumprimento da pena. Assim desperto, ele esfregou os olhos pausadamente e só então percebeu que tinha tido um sono tranquilo durante toda a noite.

Apenas para confirmar suas previsões pessoais, indagou ao carcereiro com um gesto vago, tendo como resposta outro olhar mais desanimado ainda. Seu advogado, mesmo sem autorização expressa, havia solicitado um novo adiamento da execução e a consequente comutação da pena, quando a lei fosse votada. Mas a negativa veio célere, como se quisessem livrar o mundo de Maurice B. o mais rápido possível.

– O pedido foi negado. É hoje.

Maurice B. sacudiu os ombros ao acaso e andou na direção da pia, como habitualmente fazia num dia normal. Estava agindo de modo tal que

se poderia dizer que estava cumprindo um carma. Esfregou os olhos novamente e molhou a cara com jorros de água, querendo ficar totalmente desperto. Não a execução como um pesadelo e sim como a realização de um plano pré-estabelecido, sem qualquer interferência de terceiros. Por isso agia assim, naturalmente despreocupado.

Ajeitou os cabelos com as mãos, depois pediu um pente ao guarda. Arrumou-se diante do espelho e riu do gesto, vindo de quem está a poucas horas de perder a cabeça. Mas esses eram gestos espontâneos, assim como escovar os dentes, arrumar os detalhes da roupa, lustrar os sapatos, ajeitar a gravata.

Depois desse ritual, sorriu para si mesmo, examinando ao espelho os dentes, sua aparência geral, ficando no íntimo contente com o que viu, já pensando na força da experiência preparada, na reação de espanto que todos os assistentes e testemunhas que sempre acompanham as execuções representando a sociedade, teriam na ocasião.

CONSTANTEMENTE MAURICE B. era visto falando sozinho, outras vezes era flagrado numa concentração, tão plena e tão intensa, da qual ninguém conseguia tirá-lo. Nesses momentos, se alguém conseguisse escutar alguma de suas palavras, juraria ter ouvido um diálogo que fazia referências à esposa, aos filhos ou à falecida mãe. Todos os seus parentes se encontravam a quilômetros de distância ou já havia falecido.

As poucas pessoas que com ele tinham certa intimidade asseguravam que, de fato, podia Maurice B. se comunicar com outrem à distância e –

espantoso! – podia modificar e alterar qualquer ato a ser executado por outra pessoa, mesmo estando longe, desde que fosse de seu interesse. Em outras palavras, podia, sim, Maurice B. modificar o destino, a vida dos seres, o resultado de atos e ações realizadas longe dele. Assim corria o boato.

Em uma carta escrita para sua esposa, Maurice B. revelou que tinha certeza da sua própria morte e da violência com que esta se daria:

– Mesmo que a clemência seja solicitada e concedida, a minha morte é um ato impossível de ser modificado, porque o espetáculo não pode parar.

Há muito tempo Maurice B. considerava a sua condenação à morte e execução como fatos inevitáveis. Tal pressentimento veio aos poucos tomando força e teve a sua configuração exata, com detalhes, após o crime de que fora acusado e da consequente condenação à morte, por decapitação da guilhotina.

Após uma série de incidentes familiares, Maurice B. e sua esposa concordaram que o divórcio seria a solução para que suas vidas seguissem em frente. A mulher alegou que Maurice B. se portava como um maníaco, procurando fazer em casa as mais diversas e estranhas experiências, utilizando membros da própria família como cobaias.

Em determinada ocasião ele a manteve isolada num cubículo escuro e malcheiroso durante doze horas, à pão e água, com a alegação de que iria "extrair as suas duas almas, a boa e a má e substituí-las por uma nova fonte de vida que não possuísse nenhum sentimento humano criminoso". Depois das doze horas, Maurice B. nada conseguiu e encontrou a mulher desmaiada de fome e subnutrição. Outras experiências foram

testemunhadas, sempre usando gente caseira, comum, criados, crianças de casa ou da redondeza.

Conseguido o divórcio de forma pacífica, as relações do casal se limitaram a breves contatos, para saber das necessidades de cada um e como andavam as coisas, o estado das crianças, casos de doença ou por alguma exigência legal.

Mas a fome de conhecer o inexplicável e estudar as forças para-normais foi o que levou Maurice B. a matar uma enfermeira, de nome Elena, assim, sem mais nem menos.

Divertiam-se. Bebiam. A mulher concordou em levá-lo à sua casa depois de várias doses de conhaque, música, diversão e cerveja. Mais uma vez a ânsia de mexer com o fantástico, com o desconhecido, o perseguia, levou Maurice B. às raias do perigo e por fim o conduziu ao assassinato. Era sempre assim: os relacionamentos começavam seguindo um rumo normal, mas aos poucos iam se desviando das origens, a mente se transfigurava, transpondo as fronteiras da normalidade, levando as ideias e atitudes para o lado do mal, ao crime.

A intenção de Maurice B., desta vez, era induzir a mulher ao estado supremo da sensualidade e do gozo e transformar aquele estado num laboratório de pesquisa, levando-a ao transe letárgico para conseguir contato com as formas sexuais do Racional Superior – seja lá o que isso signifique.

Elena – tendo uma vida simples e normal – queria, por outro lado, apenas se divertir, fugir do cotidiano através da bebida, da música, do amor. Queria apenas encher o vazio da vida, sem ao menos ter noção dos

propósitos anômalos do companheiro, por isso acabou fazendo tudo errado, Maurice B. não fez nenhum contato, nem nada que assemelhasse atividade paranormal. Irritado com o rumo inútil, que culminaria com mais um fracasso de suas experiências, ficou possesso, agrediu Elena e num espasmo incontrolável sufocou a moça com o travesseiro.

MAIS UMA VEZ MAURICE B. caminhou pelo chamado 'corredor da morte', até encontrar o padre Rousseau, que já o esperava. Outras vezes ele havia percorrido aquele mesmo caminho, levado de ida e de volta, em constância com os apelos e adiamentos legais. Mas sempre aproveitava a ocasião para conversar com o padre Rousseau, ocasião em que mantinham discussões acaloradas que envolviam filosofia, religião, materialismo e teologia.

Desta vez, porém, apenas se cumprimentaram e Maurice B., como um bom cristão, concordou em cumprir o ritual da confissão. Confessou-se e comungou. Fez tudo aquilo com uma naturalidade de quem não havia cometido delito algum e porque queria que sua execução fosse igual a qualquer outra.

Tudo deveria correr bem até o final, de modo pacífico, dentro das regras estabelecidas, para que o suas pesquisas experimentais também fossem executadas com exatidão. Estando em paz com Deus, poderia demonstrar, com a força da sua genialidade, o poder que possuía sobre o além, comprovar a revolta da alma e do espírito, aliadas às revoluções do corpo... quando este abandonasse a alma na lâmina da guilhotina.

Por isso Maurice B. sempre manteve a sua condenação e execução como coisa justa, dentro das forças que regem o destino de cada um. Somente assim poderia utilizar-se da vida e da morte para o que julgava a mais espantosa experiência com o além, após a morte, sem o apoio da ciência, obtendo, com o resultado, a condenação da igreja e das instituições religiosas em geral.

Ele matou, sem direito algum tirou uma vida, cometeu um assassinato sem justificativa moral, mas jamais negou ou procurou esconder o fato, nem mesmo se defender da acusação. Jamais negar foi também um passo importante para corrigir o seu espírito. Se nalguma hora Maurice B. apresentou durante as investigações, inquérito e julgamento as circunstâncias que o levaram a cometer o assassínio, não o fez como atenuante, mas com fins documentais. Não pediu a benevolência das autoridades, não apresentou condolências à família, não assinou a defesa nem os pedidos de apelação, como faria um criminoso comum.

A comutação da pena solicitada ao governo várias vezes, foi pedida pelo advogado que o defendia, sem sua autorização. Mas Maurice B. não deixou de pensar nas guerras, nos morticínios raciais, políticos e religiosos, na eliminação secreta pelos órgãos de segurança, na câmara de gás, na cadeira elétrica, na própria guilhotina – meios oficiais de tirar a vida – e como tudo isso existe legalmente, com o aval da sociedade. Ademais, as autoridades constituídas (o Estado), ainda matam por descaso, por incapacidade e incompetência administrativa.

A presença de Maurice B. na prisão foi intercalada de ocorrências onde explodia o seu ódio, recrudescia o amargo rancor, por todas as injustiças que na prisão afloravam, e que, aliadas às macabras experiências,

deixava os demais condenados temerosos e apavorados com tão cruel companhia. Ademais, um monte de acontecimentos anormais, para dizer o mínimo, acompanhava de perto a execrável figura desse singular Anjo do Mal, atingindo de revés ou direto pessoas e coisas que o rodeavam ou tinham alguma ligação com ele.

CERTA VEZ MAURICE B. FOI ENCONTRADO numa espécie de transe hipnótico, com o corpo rigidamente estirado entre duas cadeiras, apoiado somente nos calcanhares e pela cabeça. O resto do corpo flutuava no vazio, dando a nítida impressão que continuaria assim, se os pontos de apoio fossem de repente retirados. Era tal a religiosa compenetração do ato que o funcionário que o achou nesse estado correu prontamente para comunicar o fato às autoridades. Quando retornou depois, acompanhado do médico e do diretor, Maurice B. estava sentado, com os braços cruzados na nuca recostada na parede, fumando um cigarro calmamente.

Indagado a respeito da ocorrência que fora relatada, não ligou muito para a conversa e relaxou:

– Apenas descansava um pouco. Estava meditando, pensando na vida...

Depois, a sós, advertiu o funcionário que testemunhou o fato e que mantinha a mesma cara de espanto, de terror, quando o encontrara, pois a princípio o julgara desfalecido ou morto:

– Tem certas coisas de que não se deve falar. Ver e calar é o que se deve fazer quando deparamos com o desconhecido.

Muitos outros presos foram considerados loucos, dementes ou apenas mentirosos, porque afirmavam ter visto Maurice B. falando com espíritos, dialogando com fantasmas ou com pessoas vivas, mas distantes daquele local. Mas, como as reclamações eram muitas, Maurice B. acabou ganhando a fama de representante do diabo e ninguém mais passou a duvidar de suas alucinações, até mesmo se ele apresentasse uma aura angelical na cara pacífica. Se assim fosse, julgariam que era o espírito do anjo maligno ou do próprio demo.

Afora essas questões espirituais (ou espíritas) Maurice B. se portava como ser humano normal, xingando todos os dias os cozinheiros pela má comida, reclamando dos mosquitos e da falta de banho, até mesmo à direção do presídio, quando registrava algum tratamento mais rigoroso dado aos colegas "fora dos mais rudimentares princípios de humanidade", insurgindo-se contra maus tratos, agressão, injustiça e punições mais rigorosas.

Era assim. Mas o "anjo do mal", um dia ou outro, fazia algo de bom. Conseguiu que se operasse o olho de um detento atacado da cegueira progressiva do glaucoma, que os médicos haviam considerado como perdido. Também, sempre que podia, disponibilizava seu advogado para tratar os casos de outros prisioneiros pobres, que não tinham dinheiro para pagar advogado próprio e viviam na dependência dos defensores públicos.

Doutra vez impediu um operário, que fazia manutenção da rede elétrica de alta voltagem, de ligar a chave-geral de alta tensão, alegando que o

ato traria a ele perigo de vida. Depois se verificou a exatidão da medida, porque a chave não estava isolada apropriadamente e, caso a ligação fosse feita, transmitiria a energia diretamente ao corpo do operário, causando morte certa. Passado algum tempo o operário, agora protegido com equipamento especial, pôde terminar o serviço e, não sem antes consultar a Maurice B., religar a chave-geral, concluir a tarefa como se nada de mais tivesse acontecido.

Entretanto, nos últimos dias que antecederam a execução, tudo se agravou. Embora ninguém soubesse qual seria o dia fatal, e porque todos acreditam que amanhã ainda estarão vivos, o ambiente em torno de Maurice B. se tornou trágico: três mortes foram registradas em situações anormais. A mais grave ocorrência se deu com um condenado que cumpria pena por assalto a mão armada e tentativa de homicídio: foi encontrado morto no corredor fora da cela, enforcado.

Em nenhum lugar, porém, foi encontrada a corda que serviu ao enforcamento, deixando nas marcas profundas do pescoço o desenho perfeito do entrelaçamento do cordame. No corredor onde estava o cadáver não existia nenhum suporte que servisse para passar a corda, o que levantou a suspeita de que o suicídio acontecera em outro local e que o corpo tivesse sido levado para ali posteriormente.

Mas qual seria o local da morte, se a prisão fora total e minuciosamente revistada? E por qual o motivo o corpo fora deixado no corredor, com tantas outras opções? Essas e outras interrogações que ficaram sem resposta, tornavam o caso mais misterioso ainda. Por isso, quando souberam que Maurice B. foi a última pessoa a ser vista conversando com o prisioneiro antes do suicídio, as desconfianças se

voltaram contra ele, mesmo tendo provado durante todo o tempo, que no período em que tivesse ocorrido a morte, esteve, como sempre fazia, escrevendo cartas para guardas e prisioneiros que mal sabiam escrever.

DEPOIS DA CONFISSÃO AO PADRE, Maurice B. sentou-se à mesa, onde escreveu uma mensagem para a esposa e filhos. O envelope lacrado foi entregue a seu advogado e ninguém ficou sabendo quais as últimas palavras. Mas na verdade Maurice B. escreveu apenas poucas palavras de Pascal sobre a condição humana: *"É perigoso fazer ver demais ao homem o quanto ele é igual aos animais sem mostrar-lhe sua grandeza. É mais perigoso ainda fazer-lhe ver demais sua grandeza sem mostrar a sua condição animal".*

Finalizou o bilhete com uma observação particular à mulher: *"Tudo de que me acusam não foi feito por mim. Qual foi o ser espiritual mais forte que eu, que viveu dentro de minha alma e a utilizou para executar experiências extraordinárias? Não sei. Talvez não tenha vivido em mim mesmo, vivi a vida dos outros. A minha vida foi uma vida feita de todas as vidas: fui apenas um objeto sem desejo sem pecado".*

Ainda a caminho do cadafalso Maurice B. encontrou uma pequena plateia, vários repórteres e fotógrafos, aos quais resmungou apenas *nada a declarar*. Mas aceitou com prazer uma dose de armanhaque que lhe foi oferecida por alguém. Levantou a taça de contra a claridade para apreciar a transparência dourada e sorveu o líquido com delicadeza, sem pressa, saboreando profundamente o aroma e o paladar.

– Ótima bebida! Acquavita, água da vida! A minha vida é uma declaração... Boa bebida!

Ninguém conseguiu entender a meia frase, proferida apesar do *nada a declarar*. Parece que Maurice B. se deu conta da contradição e se calou, seguindo em frente. Não reconheceu o novo diretor-geral do presídio, recém nomeado, mas sabe que ele está presente em meio às autoridades. Antes de atravessar o último portal de vidro é novamente instado – desta vez pelo oficial procurador da prisão – a fazer uma declaração, "com total liberdade", mas nada fala. Apenas repete num murmúrio irônico a expressão "com total liberdade".

O CARCEREIRO LIMPAVA as celas vazias e os corredores desocupados. Os presos seguiram todos para o pátio após a refeição, então seriam encaminhados para as quadras de trabalho. O corpo foi encontrado estirado, com o balde que continha água e detergente enterrado sobre a cabeça. Sozinho, sem nenhuma ajuda, ele tinha bebido mais de cindo litros daquela mistura. O rosto contraído e as mãos em riste num gesto de defesa, ao contrário, insinuavam que ele tinha sido forçado a ingerir aquela água mortal, juízo este reforçada pelo vômito que manchou a camisa. Estava roxo e petrificado de modo anormal, para o pouco tempo passado entre a morte e a hora em que foi encontrado.

As relações do carcereiro com Maurice B. não tinham sido esmiuçadas, mas a suspeita é que ele tenha ingerido algum tóxico utilizado nos experimentos químicos. Mas – novamente – Maurice B. no momento da morte estava em local muito frequentado, cercado de companheiros e

jamais poderia ter envolvimento com o crime (ou suicídio), se assim quisessem supor.

MAURICE B. SEGUE EM FRENTE, atravessa o portal de vidro após o qual é recebido por quatro homens vestidos com uniformes vermelhos do estabelecimento prisional, nos quais reconhece seus executores. O que pouco fala – nem a ele nem aos demais – é o mais velho e está de óculos escuros cobrindo metade da cara enrugada, mãos cirurgicamente enluvadas, é o carrasco. Nada mais de capuzes pontudos, como nas histórias antigas: o carrasco se reconhece porque tem mania de se esconder de tudo e todos, porque não consegue se esconder dos resquícios e dos terrores que a profissão semeia na sua mente.

Ao contrário, antes da execução a sua mulher certamente já foi entrevistada, todo mundo que saber dos detalhes, da vida particular do carrasco, mas o que ela diz é que o marido é um homem delicado, amoroso extremado e sensível. Fala do carinho que ele tem pelos filhos, deixa-se fotografar e gravar pela TV, afirma que o marido "tem muito ressentimento daquela profissão que o obriga a cometer atos extremos para garantis a sobrevivência própria e da família".

A face inexpressiva do carrasco não treme, não revela emoções, as mãos envolvidas pela película da luva não treme, mas sua internamente. Um dia já imaginou que seus colegas da antiguidade já sofreram muito mais, com a foice nas mãos, o pescoço arriado no tronco, o cesto forrado de trapos que amparava a cabeça e absorvia o sangue que jorrava aos borbotões. Mesmo

com o advento da guilhotina, o envolvimento entre o carrasco e a vítima ainda era muito íntimo.

Agora o progresso, com base nos direitos humanos, modificou tanto a guilhotina quanto o ritual e o aparato eletro-mecânico, como outro qualquer, é dirigido eletronicamente através de botões e guias automáticas, ao qual Maurice B. – nem outro condenado qualquer – pode ter acesso ou conhecimento.

Maurice B. busca apenas se concentrar no que tem a fazer. Agora, mais do que nunca, necessita da concentração mais profunda, da mente em completa clareza, pronta para receber os comandos e responder de pronto. Mais do que nunca ele precisa estar com os reflexos avivados, os músculos em completo repouso, a consciência plenamente maquinal: Maurice B. respira fundo, os olhos em transe, todo o corpo por inteiro predisposto a executar o planejado, todo o espírito em absoluta concentração para agir. Maurice B. está pronto!

O DIRETOR-GERAL DO PRESÍDIO foi repentinamente acusado pela imprensa de ter cometido diversas irregularidades com os prisioneiros e de desviar recursos destinados às melhorias do estabelecimento. A acusação incluía explorar a fragilidade de viciados e homossexuais, aproveitar a situação precária das esposas e familiares dos condenados, forçando-os e pressionando-os, de um modo ou de outro, até mesmo de exploração e posse sexual.

Tudo isso era verdade mantida entre os altos muros da prisão e ninguém soube como vazou a notícia aos jornais e como estes tiveram coragem para publicá-las, sabendo-se das influências políticas que sofrem. Nem tampouco se soube como o ministério teve o estofo de demitir o veterano e onipotente diretor-geral, dono de lastro político invejável, que o fizera atravessar governos das mais diferentes ideologias. Não só o diretor foi demitido e aposentado, como também se viu perseguido por inúmeros percalços, até ser deixado em situação econômica precária.

Sua família se dissolveu pelo divórcio e a custódia da família foi determinada pela justiça em favor da esposa. Pobre, abandonado e esquecido, vivendo sozinho, o ex-diretor-geral era encontrado nas ruelas, geralmente bêbado, cercado de amigos pobres e marginais. Passou-se um longo período de anonimato, até o dia em que foi encontrado morto, degolado, boiando num canal fora da cidade.

A suspeita do crime foi lançada a um grupo de mendigos, que mantêm entre si, unidos pela desgraça comum, o natural conluio dos marginalizados, tratado como se quadrilha fosse pelas autoridades policiais. Mas qual seria a ligação de Maurice B. com a morte do ex-diretor?

Aparentemente nenhuma. Mas a demissão do diretor-geral, a queda de seu prestígio, o ataque da imprensa e as perseguições de que foi vítima, tudo foi logo atribuído a ele, talvez devido às suas estranhas atividades paranormais. O que ninguém sabe é que a cerrada perseguição ao diretor-geral se iniciou quando certo dia Maurice B. soube pelo filho mais velho que ele, se aproveitando da cessão de um pequeno favor, abusou da esposa e da filha.

MAURICE B. PEDE QUE NÃO amarrem as suas mãos, mas o pedido é recusado. *Nada me vai impedir* – pensa em voz alta – e consente que os pulsos voltados para trás sejam amarrados. A sua camisa é cortada na altura dos ombros e fica sem colarinhos. Sorri à lembrança de tê-la ajeitado com tanto carinho diante do espelho. Seu cabelo não é mexido porque está cortando rente, como costumava usar.

Além do carrasco, outros homens ficam em volta dele, sem função aparente. São fortes e devem estar ali apenas para conter as cenas de desespero, covardia ou algo inexprimível, provocadas pelo executado. Quem pode traduzir as últimas ações e gestos daquele que vai perder a vida em segundos? O carrasco sabe que vai ganhar o ordenado sem nenhum trabalho extra, mesmo conhecendo a fama excêntrica de Maurice B.

Estando tudo preparado, apressa-se a execução. Maurice B. concentra-se em acomodar o espírito e segue em frente. Ultrapassa uma cortina que camufla o ambiente e ali está ela – a guilhotina! Hoje é um objeto pequeno e compacto, contido numa sala que não ultrapassa 4x4m de área, separada da plateia por vidros blindados.

Dois baques surdos são ouvidos do outro lado do vidro, onde os presentes – não mais de vinte pessoas – testemunham a execução. Advogados, jornalistas, o novo diretor-geral, o padre Rousseau, o procurador, representantes da sociedade e da família ou outro parente mais corajoso.

Todos estão ali por causa da execução, uns muito satisfeitos, outros aguardando a morte de Maurice B. com alívio, pois acreditavam que, se a pena fosse comutada pela nova lei, com certeza ele sofreria algum atentado, expandindo a esteira de desgraças e tragédias que perseguiram sua vida, na trilha de um macabro caminho.

A canga cai justa no pescoço, a lâmina viaja célere pelos montantes, percorrendo o caminho rumo ao pescoço. Então tudo passa a acontecer numa carga rápida, imprevista, sucessiva e instantaneamente. Maurice B. já decapitado e com as mãos soltas (ninguém sabe como), se liberta num grande salto e rápido caminha de braços erguidos em direção à plateia.

Surpresa! Tudo não demora mais que alguns poucos segundos, mas ninguém consegue determinar o que está de fato acontecendo. Mesmo separadas pelo vidro blindado, as pessoas sentem que o avanço de Maurice B. não pode ser detido.

Gritos, correria, cadeiras tombando, empurrões, quedas, desmaios de medo e pavor. Nem mesmo as autoridades se conseguem manter incólumes. As roupas de todos de repente ficam tintas de sangue, lavadas pelo jato vermelho-escuro que esguicha a grande pressão do que restou do pescoço de Maurice B. quando o corpo dele é lançado como de uma catapulta para fora do recinto blindado. As pessoas fogem do bólido humano com horror.

Num último espasmo Maurice B. cai de bruços no chão, com o peito arfando numa série de violentas convulsões, o tórax ainda fremente, lançava um silvo agudo como se buscasse oxigênio para os pulmões vazios. A cabeça jaz esquecida no anteparo da guilhotina. Numa contração, a boca projeta uma efígie, um ricto, muito semelhante a um sorriso.

A máquina de fazer amor

Abandonando o seu mundo recluso *O Cientista* achou ter cumprido o carma espiritual que lhe fora destinado e partiu para a realidade.

Embora soubesse das dificuldades e mesmo das impossibilidades de adquirir a sabedoria total, *O Cientista* admitia humildemente ter abocanhado um monte de estudos das mais diversas camadas do conhecimento para finalmente estar capacitado para executar a sua obra.

Saiu de todo esse tempo sobrecarregado de ideias, resoluções e uma série de teorias autogêneses, mas também trouxe infindáveis anotações práticas e definidas em seu uso.

Em suma, um plano total e minuciosamente elaborado constando de filosofia, composição e execução de um fabuloso aparelho (convém apartear para dizer que *O Cientista* não admite tal denominação – nem a de *máquina*), destinado a elevar o ser humano das baixezas a que se deixou levar por agentes estranhos a si próprios e a seu mundo; a seu pensamento natural e à sua formação espiritual.

Alheios, enfim, à posição alcançada pelo ser no princípio de sua formação. É necessário mesmo desfilar aqui a sucessão de fatos passados que mergulharam a terra e a humanidade no poço do pecado irracional?

A primeira campanha desmoralizadora recaiu sobre o espírito e sua obra. É sabido que todas as pessoas dedicadas ao desenvolvimento espiritual adquirem certamente uma sabedoria invejável, capaz de se antecipar muitas vezes ao próprio século.

Os falsos cientistas e feiticeiros, aliados aos religiosos desertores, interessados apenas no sucesso financeiro e político, partiram para destruir e enterrar todas as manifestações científico-filosóficas iniciadas por aqueles personagens.

Atravessou, pois, a humanidade um período negro que se estendeu até os dias atuais.

1.

“Mas vejamos, disse eu: o primeiro cuidado do inventor é tornar pública a sua invenção”.
John Buchan – A central de energia, apud Louis Pawels-Jacques Bergier in O despertar dos mágicos.

– Breve retorno ao passado para despertar consciências. – A sexualidade reprimida por agentes sociais opressores. – O desvio da sexualidade dita ‘normal’ e as consequências pornô-erotológicas.

O Cientista sempre se preocupou bastante com o destino da humanidade e de seus semelhantes irmãos. A bem dizer, ele dedicou toda a sua vida sacrificada a esse mister, mais particularmente ao destino sexual dos seres humanos, que considera o mais vital de todos os acontecimentos transformadores e revolucionários da vida dos povos.

De fato, tem demonstrado fartamente a história e comprovado minuciosamente a ciência que o casal homem-mulher – como veículo real e legítimo transmotivador sexual – tem sido o causador de todas as perturbações da atividade e atitude centrais de grandes e diminutos homens. Naturalmente, se forem negativas, tais perturbações irão afetar (como realmente tem afetado) a existência de toda a humanidade.

Mas na verdade – afirma *O Cientista* – o mau uso do sexo pelo casal homem-mulher, a repressão maléfica e danosa, a educação primitiva e selvagem são, em conjunto com inúmeras outras causas, os sapadores da sexualidade que a natureza dotou os seres e acabam por prejudicar a humanidade por inteiro.

Isto porque está cientificamente provado que os seres humanos e inumanos dependem exclusivamente da vida sexual ‘sadia’ para que todos os

outros elementos que circundam essa atividade vital desempenhem bem seus papéis e para que isso influa a tomada de grandes e graves decisões, tanto na vida social quanto na política, tanto na vida religiosa quanto na filosófica, tanto na revolução quanto na paz...

Catástrofes que chegaram até nós com dados e informações truncadas, com detalhes e origem misteriosa (vide Sodoma e Gomorra, a destruição de Pompéia pela erupção, o desaparecimento da Atlântida no mar, Roma devastada e arrasada pelos bárbaros), exemplificam capítulos extremosos de uma vida civil desgastante, na qual nossos antepassados mais remotos sofreram a consequência de uma vida sexual atribulada, selvagem, desregrada, raiz das guerras intermináveis, insurreições de classe, golpes militares contra o Estado, guerrilhas e rebeliões fratricidas.

Essas graves cicatrizes têm marcado a história da humanidade, quando a fome e a miséria, aliadas aos novos cataclismos – subdesenvolvimento, expropriação do homem do campo, profundas diferenças sociais, discriminação pela educação – transfiguram o pobre ser humano numa condição desesperadora, subumana, terrivelmente insuportável.

Em meio a tudo isso surge uma interrogação: – Qual a causa?

De épocas em épocas torna a terra a mergulhar no mesmo tanque venenoso do pecado e da irracionalidade. Daí advém então uma múltipla e contínua reação físico-social, que culmina com uma catástrofe natural ou artificial, purificadora pela imolação, que finda por eliminar os vestígios da mancha vergonhosa de todos os males e perversidades cometidas desde muito tempo na impunidade. Assim, Deus castiga o homem e seu habitat.

Dilúvios que se repetem, tsunamis cíclicos, pragas e infestações por vírus sem controle, demolição de templos a imitar Sansão e filisteus míticos, consolidação das novas seitas, ressurgimento de magos e feiticeiras, vulcões que vomitam o fogo dos infernos das entranhas. É o dedo de Deus puncionando os tumores da humanidade, fustigando e eliminando civilizações inteiras, apagando as terras e os continentes de seu mapa universal...

Hoje mesmo as muitas sociedades que se intitulam hiper-modernas se aproximam do limite de tolerância, sujeitando-se a ser castigada por uma dessas catástrofes corretivas, com todos os sintomas de irracionalidade, capaz de levá-las de encontro àquele momento revolucionário de saturação.

Liberdade sexual exagerada; legislação frouxa e cúmplice; liberdade permissionária; casamento entre parentes, primos, irmãos; uniões heterossexuais (gaysmo, sapatanismo, pedofilismo, masturbismo, sexo via internet, etc.); celebração de feira pornô internacional; promoção e veiculação descontrolada dessas atividades.

Tudo isso leva a crer que, de novo e de novo, novas derrocadas trágicas pontificarão a terra.

A sociedade em geral passa a se tornar permissiva, confusa, egocêntrica e interesseira, projetando o caos para além de suas fronteiras escancaradas. As catástrofes esperadas virão com outros nomes: revolução, golpe de estado, terrorismo, submundo do crime, máfia, narcotráfico, revoltas sociais.

Minorias lutarão por aspirações mais nobres, tribos que se agregam à sociedade dominadora, diversificação desenfreada de tipos de racismo, conflitos ideológicos, guerra religiosa cristã, representam o estopim de conflitos de alto risco, podendo deflagrar a qualquer momento a conflagração máxima. Em tudo isso o dedo da natureza de Deus tenta ordenar o caos.

2.

"Ela (a Máquina) passa a fazer parte integrante da ciência mundial e por conseqüência todo o resto se modifica".
John Buchan – A central de energia, apud Louis Pawels-Jacques Bergier in O despertar dos mágicos.

– O movimento sexual nos transportes coletivos como redutor da agitação social. – O êxodo do interior para a cidade grande. – A prostituição negra e a prostituição branca.

As aberrações a que leva o sexo mal direcionado são promovidas tanto em recinto fechado quanto nos locais públicos. Aquelas, por incrível que pareça, são do conhecimento de toda a sociedade, ao passo que estas, 'sabe-se, mas não se vê', pois que pertencem ao círculo urbano, isto é, realizados e executados em terrenos baldios, nos locais desabitados, dentro de veículos particulares ou coletivos, nas residências e nos hotéis apropriados ou não.

Simbolizam a retroação natural das coisas: pecados e pecadores são aceitos naturalmente pela coletividade, na maioria das vezes de maneira sublimada. Figuras, palavras, fraseologia, metáforas, tudo esconde a verdade racional daquilo a sociedade admite a respeito do sexo, mascarando a potencialidade latente. A afirmação de que 'a prostituição é um mal necessário', apesar de superada, é ainda símbolo da atual vacuidade, na qual

sobrevive uma humanidade que tudo esconde, ou mostra, em nome do pecado.

Nada senão o sexo equivocado levará aos seres essas configurações maléficas e suas temíveis conseqüências, já que tantas interpretações errôneas sobre esse elemento motor dos seres só servem para dourar a pílula das orgias e bacanais públicas e para aumentar o poder dos políticos mercenários, negociantes e exploradores do vício e do viciado.

Nos chamados transportes coletivos (ônibus, trens, metros, etc.), não é menor a orgia: os passageiros, voltando aos bairros periféricos depois de árduo dia de trabalho, ali descarregam suas emoções reprimidas fazendo amor com os parceiros. E são tantas e tão várias as modalidades, que um sexólogo ficaria abismado com a fartura de informações disponibilizada para estudo.

O êxodo de populações menos favorecidas do interior para a cidade grande, em busca de novas oportunidades de emprego e melhoria de vida, acaba por proporcionar inúmeras chances de prostituição, dadas as dificuldades econômicas e de ascensão social que sempre ocorre. A luta pelo espaço se transforma em batalha deplorável, na qual a sexualidade tem papel importante.

Já apresentamos dois dos vários segmentos, importados de sociedades alienígenas, como massificadores capazes de afetar seriamente a situação interna. Mas uma festa bem nossa, o Carnaval, tem sido causadora do auge dessas sublimações que envolvem de modo tentacular o ser humano. Três dias que sacode e modifica a vida dita normal de todos os habitantes, seres, anjos materiais, de todos, enfim, que para ali acorrem. Três dias apenas?

Diria melhor: três meses, três anos, três séculos, pelo que ali está sintetizado. Em tão curto/largo espaço de tempo são alterados os rumos de vida – político, social, moral, religioso, além das tradições familiares, claro.

Corre por aí, a título de sabedoria popular, uma estatística de que mais de 80% das moças virgens perdem essa condição durante a época alucinada do Carnaval. Torna-se claro que algumas delas ocorrem nas mais adversas condições morais e éticas, mas na maior das vezes são influenciadas pelas excitações movidas pelo estado de liberdade que traz consigo o Carnaval: seja por beberagem, por ingestão de estimulantes, excesso de bebidas alcoólicas, drogas, cigarro de erva, até mesmo pela libidinagem alimentada pelas músicas de letras dúbias.

Além disso, o Carnaval oferece uma oportunidade única de as pessoas permanecerem algum tempo fora de casa e do jugo familiar, longo período em que a euforia trazida pela sensação de liberdade dá condições propícias ao desencaminhamento, demonstrando por essa ilusão os afrodisíacos caminhos à disposição para percorrer.

Essa violência – ou violação – a um momento que deveria ser tão sublime em qualquer situação deixa esse magnífico ato transformar-se em um inexpressivo talho na vida sexual, cicatriz que o tempo não apagará jamais. Desse modo, o maior prazer do ser humano – o gozo – se metamorfoseia em ato mecânico, como se produzido por um aparelho, não por seres humanos. É justamente esse neurótico destino da raça humana, no qual o sexo será sempre o elemento maior, que preocupa ***O Cientista***.

Perguntas. Interrogações. Questionamentos. Confrontos. Lutas. Libertação. De que carecerá então a humanidade assim esfacelada? Do que

necessitam os seres afastados do puro e pacífico caminho do amor? Como liberar o volumoso processo sexual reprimido durante anos e anos de escravatura social e ideológica? Como eliminar a formação arraigada de uma sociedade vazia, prisioneira de si mesma? Como evitar que esses mesmos seres que se amam voltem a penetrar nos secretos roteiros da catástrofe e do pânico? Como decepar a garra desse monstro que já abarca grande percentual do nosso universo? O que fazer para retomar a calmaria sexual para o ser e, conseguintemente, evitar o desastre final?

Para *O Cientista*, só existe uma resposta: modificar a estratégia que permitirá as descargas dos potentes elementos eletro-sexual-nervosos que regem o destino dos seres, através da *Máquina de fazer amor!*

Ao tomar conhecimento do desespero que atualmente ocupa grande parte do mundo, em consequência da má utilização da sexualidade, *O Cientista* dedicou grande parte de suas pesquisas para chegar finalmente ao X de tão importante questão: estão criadas, assim, as condições ideais para a instituição secreta de um poderosíssimo maquinário capaz de articular e estabelecer as condições básicas que indiquem e levem aos seres o caminho seguro para o retorno às legítimas aspirações sexuais.

A *Máquina de fazer amor* será esse elemento restaurador da condição de felicidade: ela dará o primeiro passo para fazer o homem deixar de ser um animal reprodutor que não tem relações sexuais – trepa.

As noites insones, o suor derramado, os exercícios heróicos, a inevitável depressão, os risos e deboches sarcásticos, a oposição política e a constante falta de verbas, são demonstrações pelas quais *O Cientista* teve de aturar durante o planejamento, execução e teste do projeto que redundaria

na criação do potente equipamento a que chamaria *A máquina de fazer amor*!

Afinal de contas, ali não se tratava de um simples equipamento, motores executáveis, programas computadorizados ou mero objeto mecânico inerte, sem vida própria – embora fosse assim constituído. A máquina vive! A máquina fala! A máquina vê! A máquina goza e tem orgasmos, só faltando elaborar-se de carne e osso para ser igual a nós, pois até alma diz que tem!

“Ao obter-se um aproveitamento de mais de 90% de suas possibilidades imensas, totais e teóricas, teríamos o mais amplo e ambicioso completo eletrônico criado pelo homem para servi-lo naquilo que lhe é mais importante: a sexualidade” – declarou ***O Cientista***.

Periódicas pausas foram feitas no decorrer da criação da máquina, antes que sua multiplicidade devorasse as reservas físicas, energéticas e mentais de seu criador. Isto porque o equipamento evoluiu célere, se mostrou tão humano, capaz e eficiente, tão natural, com sentimento de gente, que seria uma temeridade desenvolver simultaneamente todas as suas possibilidades.

Ademais, o tempo-espaço decerto influiria as suas características singulares, que seria melhor, portanto, registrar apenas o fundamental, desmembrando-se as minudências em geral para posterior desenvolvimento a nível científico e industrial.

Sem demonstrar ambições pessoais, ***O Cientista*** anotou em seu diário:

"A *Máquina de fazer amor* permanecerá historicamente lado a lado dos mais importantes estágios de desenvolvimento psicossexual, humanista-venéreo, absorvendo as atividades físicas e mentais: genital, fálico, anal, edipiano, oral, complexos, puberscente, messalino e... finalmente, maquinal!"

3.

> **"A minha máquina passará a fazer parte integrante da história da ciência mundial e o seu uso evitará todos os males da Humanidade!"**
> ***O Cientista*** – Plano de criação da *Máquina de fazer amor*.

– Uma Fanny Hill do Século 21. – Automação sexual: necessidade premente de uma humanidade cercada pelo Mal Extremo. – A máquina está finalizada, a máquina está chegando!

A *Máquina de fazer amor*, em si, é composta de um quadro eletrônico, programado para ser dirigido através de registros e ordens previamente programados em computadores, onde também estão descriminados e analisados todos os pormenores da sua operosidade. Um painel dispondo as variações das atividades sexuais, inclusive as chamadas 'aberrações', estará previamente adaptado às condições climáticas, sociais e econômicas das terras e locais aonde forem utilizadas.

A programação observará igualmente as tendências eróticas e pornográficas da população de usuários, que sempre estarão sob controle. Nos locais onde a maioria for homossexual (ou heterossexual), serão feitas adaptações e estudos especializados para a satisfação completa da atividade fim. Quando a idade populacional for mais elevada (sexagenária ou maior), menor quantidade de aberrações será disponibilizada pela máquina, descartando-se as mais tradicionais. Nos locais onde a maioria for do sexo

feminino, haverá naturalmente mais serviços para dirimir a responsabilidade do homem.

Servirá a máquina, enfim, para qualquer finalidade que, dentro da programação, lhe for destinada, adaptando-se e inserindo-se as variações cabíveis, visto que, como previamente dito, a máquina é quase humana.

No painel eletrônico estão especificados todos os tipos de coito (foda) oficialmente reconhecidos, e também algumas variações:

1) Coito normal sexo a sexo (papai-e-mamãe);
2) Coito anal (brasileirinho);
3) Bucogenital, beijo e chupada (buco-anal e bucovaginal);
4) Masturbação masculina (punheta) e feminina (siririca);

Essa especificação varia segundo o sexo do usuário, as suas manifestações e taras, desde que estejam previamente programadas na memória da máquina. Outro exemplo de sensível mutação simbólica é que podem ser anexadas ao ambiente da máquina, por exemplo, tiras de couro, objetos fálicos, genitália artificial e outros, que servirão aos sadomasoquistas e fãs de outras taras para sua satisfação pessoal.

Diversas modalidades e variantes, entre outras a estudar, serão implementadas no módulo principal. Uma regulagem transformará o centro nervoso numa vagina (boceta) virgem; outra fórmula a deixará um pouco seca; outra mais e eis a vagina excessivamente lubrificada, e assim por diante.

Produzida de nylon e de outros materiais modernos, elásticos e macios, pode se transformar tanto numa vagina (tabaca) ou num ânus (cu)

ou mesmo numa boquinha doce, suavemente chupadora, tudo de conformidade com a necessidade dos clientes e usuários.

Uma fichinha a mais que será jogada na máquina e prontamente eis a exibição de filmes pornôs, slides eróticos, fotomontagens, em equipamentos sofisticados que reproduzem os filmes O gordo e o magro, Buck Jones, Charlie Chaplin, Gary Cooper, Oscarito e Grande Otelo, com a liberdade de não serem cortados nem censurados, posto que tenham a sua exposição em caráter restrito.

Evidente fica quanto ao modelo feminino, que sofrerá as adaptações necessárias ao seu desempenho e utilização: o membro masculino (caralho) passará pelas mesmas alterações. Poderá ser grosso e longo, excessivamente grosso e longo, curto e fino, comprido e acavalado. Bastante lubrificado ou seco a gosto, tomará a forma de língua, de dedo, nariz, se assim for exigido. Tudo será feito para que o objeto tenha condições de dar possibilidades de gozo total, tanto às fêmeas quanto aos gays que, de maneira alguma, jamais serão rebaixados, discriminados ou reprimidos.

Também será feita o conjunto de modo a ser disponibilizado em locais públicos de fácil acesso: bares, restaurantes, cinemas, teatros, estações de ônibus e metrô. À maneira das refresqueiras, eletrolas e caça-níqueis, a máquina fará parte desse conjunto de ofertas públicas, inclusive das cabines telefônicas. Tal disposição, apesar de ser mero detalhe, poderia ser em série, como nos cassinos – posto que os equipamentos vão oferecer uma variedade de características próprias muito especiais, únicas no mercado. A sua versatilidade permitiria juntar vários sistemas num só pacote, que seriam adaptadas pelo próprio consumidor utilizando o painel de controle a seu gosto e prazer. Dessa maneira poderiam ser feitas reuniões coletivas com

três ou mais membros utilizando a mesma aparelhagem, inclusive incluindo-as como parte na realização de eventos, aniversários, comemorações e feiras.

Além da inclusão de expositores de filmes e slides eróticos e pornôs, outro acessório, que irá depender das possibilidades econômicas e financeiras do ambiente, é a impregnação da atmosfera com odores e sons de cunho sensual e sexual, para aumentar a excitabilidade pessoal do indivíduo, melhorando o seu desempenho físico.

Num esboço sobre a versatilidade e maleabilidade desse equipamento, como pessoa física, ficou observado que – entre outras coisas – a mesma viria ao encontro das aspirações da sociedade civil, militar e eclesiástica, no sentido de promover a derrocada total da prostituição, o retorno do homem e da mulher ao verdadeiro sentido do gozo sexual, culminando com a extinção das aberrações não controladas.

Aliás, seria um excelente teste psicológico e social, antes que se promovesse a expulsão total das putas do convívio social, anteriormente ao extermínio da prostituição como profissão secular. Seria a saída democrática para a substituição da mulher pela máquina, evitando-se, assim, as alegações dos liberais, dos sindicatos e entidades de classe, sobre o aumento do desemprego, a marginalização das categorias trabalhistas, justo porque estaria em julgamento a possibilidade de as máquinas e das prostitutas de servir em toda plenitude o ser humano e suas exigências marginais. Seria também validada a real qualidade e valor do conjunto, que irá substituir a mulher num sentido e o homem, noutro.

A reação do público analisaria e garantiria a viabilidade social e econômica do empreendimento. Não faltarão políticos, sociólogos e

religiosos para contestar e condenar a ideia, mas como ignorar o valor da máquina em países de grande volume populacional? Até os casais teriam a chance de adquirir uma unidade para uso residencial, a fim de evitar dois males do século: superpopulação e divórcio, além das doenças sexualmente transmissíveis.

O baixo custo operacional, o uso de combustível não poluente (vaselina) e outras vantagens especificadas no Manual do Usuário da Máquina de Fazer Amor, fariam co que todos notassem o quão maravilhosa é essa criação que ***O Cientista*** aprimorou, tecnologia digna da evolução do ser humano!

Sabendo-se verdadeira a ojeriza que o clero, o rabino, o evangélico, o ortodoxo e o islamita (além de outras seitas) têm da mulher de rua – a prostituta – certamente apoiariam a distribuição de equipamentos (modificados e adaptados em aparência e estética), nas adjacências de suas igrejas, onde, mais uma vez, promoveriam a purificação dos fieis.

O equipamento seria adaptado às circunstancias: os filmes pornôs seriam retirados, não incluiriam os perfumes e sons eróticos. Tudo seria substituído por imagens santas, leitura de textos condenando a devassidão, exibição de filmes executando a punição aos corruptos, o perfume do incenso queimado e corais cantando e declamando textos sagrados invadiria o ambiente.

Como consequência, se reduziria em muito a corrupção que afoga avassaladora a terra, o Papa, os Ministros, os Pastores, os Rabinos poderiam se despreocupar dos problemas que o celibato e demais exigências sexuais acarretam ao fulcro religioso, sem lutas internas, sem disputas de poder,

cada qual ocupando o espaço que lhe foi destinado, isso tudo tendo como despesa a aquisição de aparelhagem completa para suas ordens clericais e análogas.

No campo militar, a máquina seria de grande valia ao ser espalhada pelos quartéis, acampamentos, belonaves e aeronaves, dada a sua grande versatilidade e facilidade de remoção, montagem e desmontagem. Ela prestaria, sim, grande serviço à pátria, mesmo nos campos de batalha – até os guerrilheiros poderiam levá-la para as matas.

Nas viagens espaciais estaria solucionado o problema de levar ou não mulheres a outros planetas ou à Estação Orbital. Mesmo nos lugares menos acessíveis, onde deve imperar a exploração técnica das áreas e do espaço, os modelos portáteis mostrariam toda a sua capacidade de mobilização. Miniaturizada para uso nos submarinos e espaçonaves, na aparelhagem científica do fundo do mar, dos pólos e das montanhas, nas estações interplanetárias, novamente a máquina se imporia como equipamento da mais alta importância para as nações!

4.

> **"Chamais à nossa civilização uma máquina, mas ela é bem mais dócil que uma máquina. Possui o poder de adaptação de um organismo vivo".**
> John Buchan – A central de energia, apud Louis Pawels-Jacques Bergier in O despertar dos mágicos.

– A religião branca, o celibato, a sexualidade. – A necessidade da vida sexual completa, sem traumas nem falsas anomalias. – Antes que a mutação ocorra na Terra.

Estando elaborado o plano em todas as minudências, a criação de vários modelos do equipamento, as adaptações inclusive para locais de grande periculosidade, cumpridas as exigências para os vários ambientes (sistemas polares, sistema cósmico, sistema de alta profundeza submarina), das influências genéricas da ausência de gravidade nos órgãos sexuais, excesso de radiação e demais ocorrências nas viagens cósmicas, tudo, enfim que possa afetar o desempenho sexual do homem, assim se materializa em sua totalidade o programa.

Consolidada a obra principal, as dificuldades e suprimir seriam:

a) Convencer o empresário ambicioso a viabilizar o projeto;

b) Expor junto às autoridades civis, militares e religiosas, a essência do plano e o grande bem que traz para a humanidade: o maior dos benefícios já inventados (mas convencer os militares requer certa dose de paciência;

c) Convencer os fiéis de todas as entidades religiosas, espirituais, exotéricas, paracientíficas, paranormais de todo o mundo (de importância vital);

d) Obter do Congresso a aprovação das leis e regulamentos que virão dar o apoio jurídico à implantação do sistema da Máquina de Fazer Amor;

Nota ao item b) – Ressaltar o ponto máximo do benefício que é o retorno dos prostituídos ao seio da sociedade, a reutilização da energia e capacidade humana, até então desperdiçada, no comércio, indústria, astronáutica.

Isto feito, iniciar imediatamente a produção em série, fornecendo a milhares de concessionários em todo o mundo e auferir a fama e os lucros constantes.

Pronto! A Máquina de Fazer Amor está apresentada pelo *Cientista* e com ela oferecida a oportunidade de remissão humana, a solução para os problemas inconseqüentes da sexualidade reprimida e seus efeitos: depravação, libertinagem, devassidão, aberrações sexuais, desvios de conduta, crimes, revoluções, discriminação racial, religiosa e social, preconceitos de classe.

Seria válido se dizer – na atual conjuntura, sem medo de plagiar alguém – "A máquina de fazer amor" é a ressurreição e a vida, a verdadeira e única vida! O que *O Cientista* oferece é a saída honrosa para a humanidade, antes que novas desconstruções obriguem o homem a retornar à Idade da Pedra, à caverna, ao instinto selvagem, a uma vida sem rumo certo, sem aceitar líderes, sem fé.

Obs: A palavra colocada entre parênteses sugere onde deve ser usada a expressão popular (maquinário, cabines, manuais de instrução, panfletos e catálogos), para perfeito entendimento de todas as classes sociais, étnicas, religiosas e ideológicas.

Conclamação ao suicida (*)

(Seguido da *Declaração dos Direitos do Suicida*)

> *"Eu vou dizer o que sinto dentro do meu coração. Eu estou empregado, trabalhando para uns e para outros de graça, e eu sem lenço para assoar, sem botinas para calçar, sem dinheiro para o bonde. Ora... isso... bem pensado, não é para se ter pena e doer o coração? E depois ver meus irmãos desgraçados, sem ter, coitados, roupas para vestir e sabe Deus sem comida para comer, coitados. E eu lembrando disso tudo e nada tendo para socorrer, não tenho coragem para vê-los nesta triste miséria e por isso mato-me porque não penso em mais nada, e o mais, adeus".*
> Carta do suicida José Castilho, 13 anos (in Arthur Azevedo e sua época – Raymundo Magalhães Júnior).
>
> *"A nossa morte dedico a todos aqueles que nos quiseram ver separados".*
> Notícia de jornal dando conta de um bilhete deixado pelo suicida que, antes, matou a esposa.
>
> (*) Lida na sessão inaugural da SAS - Sociedade dos Amigos do Suicida

Desamparados seguidores e amigos da arte do suicídio. Já é chegada a hora de ter alguém que dirija com equidade e firmeza os sábios desatinos e instintos da classe a que pertencemos. De hora em diante, não serão mais os suicidas tratados como fracos, anormais, covardes e frágeis criaturas, como geralmente o são, após terem partido para o éter celestial, realizando o destino buscado ansiosamente.

Os seres inferiores, eles sim, que nossos atos criticam e condenam não têm o dom nem o poder de determinar de modo sábio a hora de empreender a grande viagem como nós o temos. É, pois, chegado o tempo de reunirmo-nos para combater e exterminar a disseminação dessas mentalidades obsoletas e discriminatórias.

Muitas sociedades foram fundadas no mundo, com as mais diversas finalidades – umas nobres, outras nem tanto – mas nenhuma delas, entre as centenas que proliferam em todas as nações, nenhuma delas tem o fim explícito que está sendo proposto neste instante.

Este é o momento em que conclamamos toda a classe para entender, assimilar e solucionar mutuamente os problemas que afligem os seres determinados a encontrar antes do que o prometido pelo destino, o caminho do suicídio, para desfrutar a eterna felicidade. A vontade ferrenha e suprema de ampará-los em todos os degraus da caminhada, dar-lhes assistência pessoal, física, moral e espiritual para encaminhá-los em segurança a seu verdadeiro e excelso destino.

Será essa, e não outra, a finalidade maior da SAS - Sociedade dos Amigos dos Suicidas. Como os orientais e asiáticos, nós sabemos o quão inarredável é o desejo de abandonar, quando para isso estiver preparado e for chegado o momento, deixar a vida terrena. Inda mais quando um tipo qualquer de desgraça ou desastre nos envolve com o manto roto da infelicidade. Tomada a atitude correta, desaparecerá o abandono, sumirá a mancha desairosa, desaparecerá para sempre o sentimento de culpa, que acompanha o ser humano desde a sua chegada à Terra.

Caros portadores de almas solitárias, caros irmãos de curta existência, profetas somos dos ensinamentos delegados aos felizes entes que antecipam deixar a vida material em troca dos eternos campos floridos. Conheceremos, aqui e agora, como instruir a gentileza última, para se conseguir uma tépida viagem, de modo a não perturbar os demais seres que continuarão a vegetar na terra.

Todos nós ficaremos satisfeitos com o desempenho dos instrutores, que trata a união de todos para alcançar a elevação de nível do nosso propósito, razão e fundamentos das leis dos suicidas. Repassaremos aos mestres e dos mestres aos discípulos, toda a experiência adquirida em estudos minuciosos, que permitem o aprendizado de métodos indolores e tranqüilos – lacerantes e contundentes – pacíficos e violentos, tudo de acordo com a pretensão e finalidade de cada um.

Apesar das muitas dificuldades que nos foram opostas pela sociedade bitolada pelas leis opressoras e dogmas retrógados, o progresso incrementou inúmeros benefícios para os seguidores de tão sublime ciência. Sim. Ciência. Porque suicidar-se sempre foi uma ciência superior, tão superior que somente os entes iluminados compreendem-na *de profundis*, somente os seres *ascencionados* estudam-na e transmitem seus ensinamentos.

Por ser uma ciência – e muitas vezes arte – quase ninguém, muitos poucos mesmo, tem a capacidade de perceber a divina auréola que envolve a criatura quando o ato chega ao fim. Algumas vezes, quando o suicida deixa alguma pista que oriente as razões do ato, essa áurea jamais será captada.

A polícia tem se mostrado historicamente muito rudimentar nessas investigações: apesar de equipada com bons laboratórios, usar de técnicas ditas modernas e fazer pesquisas avançadas, não consegue detectar o ato do suicídio de modo racional e lógico, preferindo linhas investigativas similares ao homicídio. Por que um ser se atira de um trem em alta velocidade?

O verde e profundo mar acolhe entre as algas centenas de pessoas que escolheram as águas como passagem para eternidade – por quê? Por que alguns milhares de seres buscam edifícios altíssimos para voar no espaço,

evolando-se antes mesmo de chegar ao solo? Pelas pontes mais altas e mais belas transita o misterioso ente que a escolheu para desfrutar os últimos minutos de vida, escorrendo depois pelo vão em direção às águas do rio ou do mar.

O porquê jamais se saberá. Jamais descobrirão com o conhecimento superado que têm, com esses sistemas retrógados e técnicas obsoletas – que não leva em consideração a alma humana. A variedade de razões é tão infinita quanto à variedade de movimentos da partida de xadrez. Os modos e métodos – de aparência simples – são complexos, os detalhes minuciosos da execução são primorosos, tudo isso deixa a sociedade dita normal estarrecida, cada vez mais ignorante no assunto.

Somente nós sabemos o quanto um suicídio custa entre o pensamento à ação. Enforcar-se numa árvore, como elegiam os antigos, quando a primavera deposita os lábios na campina verdejante! Aceitar que as chamas rubras, ásperas, ardentes, envolvam o corpo inflamado, em ascese suprema, como tantos já experimentaram. Sim, só nós temos algum conhecimento de causa sobre esse milagroso rito de passagem.

E mais sabemos: que nem toda proibição, nem a máxima repressão, jamais conseguirá deter o aperfeiçoamento e a execução dos métodos de automorte. A cada dia que passa a modernidade põe à disposição dos entes felizes suicidas aprimoramentos e técnicas de nível superior para a realização de seu propósito. Após o invento do revólver, por exemplo, muitos problemas para alcançar a morte rápida foram solucionados. Era inevitável que isso ocorresse.

O tiro na fronte é fatal, o impacto é indolor, o resultado não permite regressão, sendo, pois, ideal ao suicida determinado. Basta surgir, entre pensamentos românticos sobre a vida e a morte, algum percalço – dívidas financeiras, abalos morais, paixão absurda, o amor desprezado, o coração pisado, a esperança denegada. O beco sem saída, enfim, que para os normais não existe, pois ele encontra a saída e as soluções para todas as dívidas.

Todo esse panorama representa para o suicida o campo fértil da motivação espiritual que o levará a satisfazer e praticar o ato com perfeição. Mas o que mesmo é representativo? Quais são os motivos que compõem as partes, espiritual e material, que são a importância e a essência para a prática do suicídio ideal?

Uma bebida forte, junto com os últimos pensamentos, para alguns, ajuda a desmantelar algum conflito entre o físico e o espírito, facilitando a ação. Há quem goste de bebidas doces, como as mulheres. Outros preferem bebidas amargas e fortes para os pensamentos amargos. Porque existem milhares de armas de fogo – revólver, fuzil, carabina, espingarda – a mais preferida é o revólver, por ser de manejo e porte mais simples, é mais fácil de manusear e pode ser usado em qualquer recinto, até mesmo ao ar livre.

A mente, porém, deve estar em perene concentração, livre de influências, para não se deixar envolver – neste último caso – pelo campo florido ou pela pradaria extensa, as verdes elevações, aspirando o ar da brisa que corre pura, ofuscando-se pelo brilho do sol cadente que avermelha o horizonte longínquo. Porque aí então, ao encostar a arma fria na fronte, diante de tal visão, existe o perigo instintivo de refrear o ato, faltar-lhe a vontade, fraquejar o desejo.

Até mesmo o mais forte ente querido, inarredável seguidor da nossa filosofia, das teorias que professamos e que ora elevamos ao nível de sociedade, como os grandes ideais superiores, até mesmo ele pode sucumbir diante dessa visão imponente da natureza. Nesses casos, nada de pânico. Convém deixar a noite chegar, mansa e fria, melhor, que a lua pálida e as estrelas esmaecidas pela bruma, façam espairecer o instinto de repulsão.

É interessante relevar a opinião de alguns irmãos que defendem a ação entre quatro paredes ou a concentração mental, voltando-se o pensamento para as coisas podres da sociedade, que já foram explicitadas: espírito argentário, amores obsessivos, egoísmo extremado, tristeza profunda, morte pecuniária, tudo enfim que traz os efeitos da guerra moderna capitalista, aviltamento da vida humana, condição miserável. O revólver traz a solução para todos esses males e a nossa sociedade traz o amparo legal para quem toma a iniciativa de procurar, por conta própria, o descanso divino.

Não desanimemos jamais! O suicídio é também um grito de protesto, sempiterno, incontrolável! Nossa sociedade é a garantia de que não faltará coragem para o último ato. Pum! Bang! Fim. Dessa maneira podem viajar os seres irmãos em que a maioria é do sexo masculino (mas as mulheres estão igualmente bem servidas pelos métodos modernos de suicídio e as armas também são fabricadas visando o público feminino). Esse é um sistema que não traz qualquer inconveniente ou preconceito de sexo, cor, idade ou estado social.

Outros métodos de suicídio existem – são milhares – de uma variedade imensa, dos quais citaremos alguns, *en passant*. Tem o

atropelamento espontâneo, tanto em autos quanto em trens; uma pequena seringa vazia que injeta ar na veia; atirar-se de veículos (trem, ônibus) em alta velocidade; agir de modo tempestivo e dramático: como os japoneses que há séculos praticam o haraquiri – método muito comovente, já que expõe as vísceras, derrama muito sangue e provoca convulsões no autor e os asiáticos e orientais, que preferem se transformar numa pira humana, ateando fogo no próprio corpo.

Esses relatos são preferidos em ocasiões em que se procura provocar grande convulsão social ou chamar as atenções do povo e dos políticos para uma injustiça latente. Todos os sistemas merecem e merecerão destaque e o devido respeito da comunidade SAS, pois a mente do suicida, criativa e fecunda, sempre estará elaborando novos métodos de suicídio e inovador.

Cortar os pulsos se constitui inegavelmente num ótimo sistema de relativo efeito colateral, pouco doloroso, quando bem efetuado. Entretanto, para que tal ocorra, o objeto cortante tem de ser extremamente afiado, não sendo assim o ato se tornará muito desconfortável. Diminui-se muito a dor imergindo de imediato ao corte os pulsos num recipiente contendo água morna. Em não sento tomada essa medida, sentir-se-á uma dor lancinante, depois irá se esmaecendo aos poucos, em consequência da perda de sangue, que aos poucos se esvai e das forças que abandonam o corpo, provocando sonolência e desmaio.

Para seccionar as veias é comum usar a lâmina de barbear, que não tenha sido usada. Há quem use outros objetos cortantes como a navalha, a faca de corte a laser, caco de vidro, todos eles – com exceção da navalha – são bem mais dolorosos. Esse é o sistema de suicídio mais preferido pelas estrelas de Hollywood, e só recentemente perdeu a liderança para os

coquetéis medicamentosos que, por terem receita médica, são imputados não como suicídio, mas como acidente. No entanto nós sabemos que os nossos pares, pessoas inteligentes e de alto nível social, escolhem as pílulas pelo caráter progressivo de cada efeito: as primeiras ingestões provocam o sono profundo, as seguintes levam a alma aos éteres sublimes.

Nesses casos a mente do escolhido não é afetada, o pensamento permanece ativo em estado de lucidez até o estertor final – ou quase – quando então o élan vital vai se esvaindo a passos lentos, a visão fica enturvada, as ideias embotadas. Nesse momento é praticamente impossível reverter-se o desfecho do suicídio e impedir a morte de chegar. Para consolidar esse sistema, tirar-lhe as falhas, é mister que se evite a presença de pessoas que tenham capacidade sensitiva de impedir a consumação da iniciativa, visto que esse tipo de suicídio é facilmente evitável, se existir gente estranha no local. Fique em casa ou num lugar tranquilo, livre de interferências, isole-se do ambiente externo, geralmente prejudicial, não repita as situações citadas no primeiro caso.

A incisão da jugular (carótidas) é um método similar ao de cortar os pulsos, porém mais raro. Esse artifício apresenta algumas vantagens: o desfecho é mais rápido, pois seccionar a qualquer das carótidas afeta diretamente as funções vitais, o sangue jorra em abundantes esguichos, provocados pelos estertores ritmados, o que torna este sistema espetacular e de grande beleza plástica. Como se vê, diversos e variados modelos de autodestruição continuam e continuarão a ser inventados e reinventados pelos entes queridos.

Com o advento dos grandes e modernos edifícios, popularizou-se a metodologia do salto de grande altitude. O suicídio a grandes alturas até

então só eram executados do alto de épicas montanhas, de alguns precipícios ou das torres dos castelos e igrejas, raros e históricos. Felizes são os que hoje podem dispor de tão magnífico benefício. Ah! Que maravilha é o panorama visto de grande altura. As pessoas formigam laboriosas aos seus pés e agora elas parecem tão ínfimas e medíocres ante o supremo ser que as vê do alto.

Na mesma visão panorâmica tem-se à vista o ladrão, o trabalhador, o artista, o malandro, o executivo, o policial – e quão fúteis se tornam ao superior olhar do suicida! Fantoches agora são, dominados por aquela sensação de ser Deus, a ânsia de voar como um ser metálico, pássaro liberto, satélite, bólido supersônico. Que magnificência sentir a matéria cair ao espaço, enquanto o espírito será erguido triunfante. Voa Deus sem asas! A paz que virá será longa, curto é o caminho para alcançá-la!

O corpo impelido ao espaço vazio aumenta proporcionalmente de peso, obedecendo à lei da gravidade dirige-se célere para o solo, onde se espatifará em fragmentos, num espetáculo que trará transtornos e inconvenientes possíveis de imaginar. E foi por isso, decerto, que os autores desse tipo de suicídio escolheram essa metodologia. Nessa ocasião todas as partes do corpo humano se espalham, como uma granada fragmentária, num amplo raio de ação, salpicando sangue, massa encefálica, excremento nos transeuntes e em tudo que está próximo.

O que restará do corpo, nesse procedimento, será um amontoado informe de carne e ossos, um patê amorfo de alimento mal digerido, sangue e fezes. Os passantes morrem de susto, desmaiam às dezenas, sofrem ataque cardíaco, chocados ao se verem empastelados com essa mistura, atingidos por partículas de pernas, dedos, genitália, massa encefálica.

Acovardam-se e empalidecem ante o fato incompreendido naquele átimo (aos seres ditos normais, essa atitude sempre assusta), as expressões de horror estampadas nas faces, o pânico e o desespero se multiplicam de maneira incontrolável. Se o escolhido tiver a sorte de ruir sobre um veículo, além do panorama acima descrito, trará o prejuízo material ao proprietário, dano que ficará gravado para sempre, ao ver o estado lastimoso em que ficou a sua vaidosa propriedade, cintilante e caríssima.

Adverte-se aqui que alturas inferiores a cinco andares normais (de quatro metros por andar) estão sujeitas a causar apenas danos físicos, capaz somente de deixar o ente feliz vivo e defeituoso, sujeito, portanto, ao olhar piedoso dos demais -- e nada causa tanto dissabor ao suicida que ver e ouvir as palavras e gestos pretensamente amáveis dos outros. Torna-se um pobre coitado.

E nada pior para abater a moral do suicida que uma tentativa frustrada. Nesses casos torna-se imperativo um tratamento rigoroso para recuperá-lo psíquica e moralmente, deixando-o em condições necessárias ã pratica de um novo ato, preferencialmente idêntica ao fracassado para que a realização seja total — física e espiritual. Aconselha se, pois, aos entes queridos que utilizem locais previamente analisados, capazes de oferecerem condições absolutas de êxito.

A realização do ato com sucesso, em algumas nações mais desenvolvidas (é de nosso conhecimento) deve-se ã construção de torres apropriadas a esse secular método de suicídio, que são edificadas e assistidas pelos governos daqueles países, embora oficialmente apareçam como torres de TV, de rádio, de micro-ondas, edifícios comerciais, etc.

Aqui também, quando certamente adquirirmos tal índice de evolução, teremos nossas próprias torres. Por enquanto continuaremos a improvisar nos edifícios existentes, nas pontes de alto nível, nos morros, não sem por em risco o sucesso absoluto do ato, ate que o progresso nos traga o conforto desejado: uma torre em local pré-determinado, a ser utilizado somente por suicidas.

A indústria químico-farmacêutica ampliou outro campo de ação com suas múltiplas pesquisas e descobertas Nossos semelhantes do passado ficaram séculos lutando com processos rústicos e naturais de envenenamento (que os adeptos do naturalismo seguem até hoje). A flora e a fauna foram as principais causas do sucesso obtido por eles. No campo de nossa ação, no suicídio, ingerir veneno firmou-se como sistema Popular, graças ã eficiente rapidez de atuação da peçonha e do fácil acesso aos medica mentos pela massa.

A história tem registrado – para que todos saibam – centenas de milhares de casos de autodestruição por envenenamento, alguns dos quais clássicos do assunto. A variedade e ampla e utilizam-se venenos sólidos, líquidos e gasosos. O produto mais utilizado pelos antigos era o cianureto, que ainda hoje serve otimamente aos entes sublimados. Maior popularidade (ou idêntica, pelo menos) alcançou o arsênico, igualmente de grande e comprovada eficiência.

O arsênico é um ácido composto de arsênio (matéria prima) e oxigênio, capaz de destruir subitamente as células orgânicas, oferecendo um efeito visual sem precedentes. Aqui cabe um parêntese necessário para aconselhar o uso desse produto estritamente nos casos reais de suicídio, já que o cianureto deixa como marca registrada partes do corpo azuladas, de

fácil identificação e o arsênico – por sua vez – exala um permanente e característico odor, incapaz de se disfarçar. Este alerta é dirigido principalmente aos criadores de falsos suicídios, com fins inconfessáveis.

E todos os suicídios falsos (e eles também existem e existirão sempre), serão duramente combatidos e denunciados, para não abalar o prestígio adquirido algumas vezes com sacrifício pelos legítimos representantes desta fauna; para não desmoralizar os suicídios sérios, executados pelos entes amados com firmeza, dedicação e carinho.

Com o poder em nossas mãos haveremos de intervir, inclusive judicialmente, em todos os âmbitos, para coibir o expansionismo desses atos imorais que afetam sobremaneira o orgulho, a idoneidade e o caráter do suicida legítimo, bem como para obter o reconhecimento internacional desta associação. Com isso teremos a tranquilidade necessária para que todos os suicidas possam morrer descansados, como costuma ocorrer aqueles que ascendem ao céu antecipadamente mesmo aos desígnios de Deus.

Os vulgares deletérios, como formicidas, detergentes, desinfetantes e derivados, não conduzem a casos de suicídios satisfatórios. Seus resultados são duvidosos, provocam dores insuportáveis e vexames ridículos aos que dessa maneira tentam o ato. Exceção honrosa ao formicida e ao raticida, mais conhecido como chumbinho, que têm alguns pontos positivos a seu favor, embora também falhem, já que, como os outros produtos, podem ser facilmente removidos do estômago, seja por meio de vômito provocado, seja neutralizado por antídotos eficazes, frustrando, assim, totalmente os objetivos do excelso ente.

O formicida, tomado corretamente, pode ladear os citados cianureto e arsênico. Dos venenos naturais pode-se citar a mosca cantárida, algumas variedades de timbu, o curare, o comigo-ninguém-pode, etc. Algumas difíceis de conseguir, outras dispostas à venda mesmo nas feiras livres. Alguns produtos químicos usados na lavoura, para matar ratos, têm alguns poderes já comprovados, principalmente os herbicidas, pesticidas e parasiticidas, já que alguns deles resistem ao tempo e são capazes de matar meses depois o consumidor de uma inocente salada de verduras!

Os gases metano e butano, normalmente usados, na cozinha e em aparelhos eletrodomésticos, estão comprovados e aprovados como agentes suicidas. Os gases são inicialmente indolores e, atuam por asfixia, resultando a coagulação do sangue, o envenenamento das vias respiratórias, seguidos geralmente de parada cardíaca. Um recinto bem vedado conserva o gás retido no ambiente por bastante tempo, sendo suficientes algumas inalações profundas para levar ao caminho. Respire fundo, lentamente. Deixe os olhos lacrimejarem, deixe o peito rasgar horrivelmente, deixe o fogo infernal espalhar-se por dentro.

Sofrer e amar, morrer assim e encontrar o caminho do suicídio perfeito, é ter prazer em sentir a carne lacerada pelo acido, pelo gás, e deliciar-se com uma determinação intima, muito pessoal, inarredável. O prazer desse sacrifício e um protesto vibrante â prostituída humanidade, deixe, portanto que o gás penetre em todos os recantos do corpo e da alma. Alguém está intimamente ligado â pessoa e ao gesto, compreendendo o que hã de maravilhoso na ação, entendendo a chama superior que o envolve sob a forma de aura. Gênio suicida, jamais desista!

Ao sofrimento repentino e passageiro sobrepõem-se todos esses elementos, e mais ainda, o visível caminho aos eternos campos primaveris, já povoados por muitos de vos, suicidas queridos. No entanto, chamamos especial atenção para as substâncias soníferas, soporíferos que produzem repouso pelo adormecimento de todos os sentidos. Tomamos por base a filosófica frase que diz "Dormir á morrer um pouco".

Essas maravilhosas pílulas, fruto da indústria químico-farmacêutica, estão cada vez mais divulgadas e diversificadas, apoiadas por propagandas em outdoor, rádio e TV, constituem um caminho ideal e perfeito para o ente sublime alcançar o nirvana da sua existência em busca da eternidade... de modo absolutamente repousante.

São substâncias que conseguiram transformar a passagem desta vida para a eternidade numa imperceptível fronteira, ideais, portanto, as pessoas que gostam de acomodar-se confortavelmente, num relax profundo, antes do ato final, sentir os nervos e os músculos em repouso completo, até os ruídos irem desaparecendo, tornarem-se cada vez mais longínquos, disparam resfriados, etc., já que trazem os mesmos inconvenientes dos deletérios caseiros.

Para que utilizá-los, pois? Se já citamos os soníferos apropriados que podem levar a um estado de inércia per feito, capaz de alcançar níveis altíssimos de suicídio? Capazes, enfim, de levar os seres perdidos ã estrada etérea, numa viagem saudável e amena?

Uma palavra final sobre as últimas descobertas da ciência, que tem levado alguns ídolos ao caminho da libertação pura: os alucinógenos. Perto deles os soporíferos são coisa de criança. A vantagem dos alucinógenos

sobre este último também são alucinantes (com perdão pelo trocadilho...), pois além de encaminhar ótima e definitivamente o ser amado ao seu destino final, o faz de maneira completamente delirante, alucinada mesmo, através de sonhos, pesadelos, fantasias, viagens fantásticas, incríveis, passagens por mundos e dimensões jamais imaginadas.

Um novo mundo se deslumbra diante da mente do suicida alucinado. Ë o mais fantástico e fabuloso meio de alcançar o fim supremo! Se os soníferos fizeram fama ao levar Marilyn Monroe, Jayne Mansfield, Elvis Presley e outros deuses do cinema, os alucinógenos provocaram as viagens de nada menos que Janis Joplin, Jimi Hendrix, Natalie Wood, Elis Regina, deuses da música e do som, do aqui-e-agora.

E todos eles nos desejam no mesmo local onde os magos suicidas nos aguardam. Onde estão todos aqueles que escolheram o caminho mais curto que o designado por Deus para alcançar a vida eterna. Amém.

DECLARACAO DOS DIREITOS DO SUICIDA

(Projeto)

Artº I - Todos os suicidas morrem livres, iguais em dignidade e direitos, são dotados de razão, consciência e livres em responsabilidade pelo seu ato.

Artº II - Todo suicida tem capacidade para gozar os direitos e reger seus atos, sem distinção de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião, origem social.

Artº III – Todo suicida tem direito a morte digna, liberdade e segurança na realização do seu ato.

Artº IV – Nenhum suicida será submetido à tortura, tratamento ou castigo cruel ou desumano, nem degradado pela sua condição, antes, durante e depois do ato.

Artº V - O suicida, igual aos demais seres perante a lei, tem direito á proteção dela para tranquilidade do seu ato, não podendo ser culpado por qualquer ação ou omissão, já que o suicídio não constitui delito perante o direito nacional e internacional.

Artº VI - Nenhum suicida está sujeito à interferência na sua vida privada, na sua família, no seu lar, na sua correspondência, nem sofrerá ataque à sua honra e reputação, ao contrário, tem o direito à proteção da Lei contra tais abusos, em vida ou em morte.

Artº VII - O suicida tem direito ã liberdade de locomoção e residência, estando isento dos deveres para com a comunidade.

Artº VIII - Todo suicida tem direito à liberdade de pensamento, consciência, religião, opinião e expressão, reservados os que se destinam a afetar, de algum modo, o seu ato.

Artº IX - Todo suicida devera ser perdoado e absolvido de todos os crimes, de prevaricação, pecados, erros e omissões, cometidos em vida, bem como terão restituídos todos os seus direitos, em caso de fracasso ou interrupção não espontânea do ato de suicídio.

Artº X - Todo suicida tem direito à liberdade de reunião e associação: direito ao repouso e lazer prévios ao ato, direito a um padrão de vida capaz de assegurar a família saúde, bem-estar, alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e serviços sociais indispensáveis.

LIRIANA

O presente relatório de lírico-amor exponho ao público com o único intuito de alertar as autoridades, fazendo-a tomar consciência – mas principalmente o povo em geral – a respeito dos estranhos seres e máquinas extraterrenas, que se determinaram a invadir a paradisíaca Terra, em que tão alegres e pacíficos vivemos, com finalidades e propósitos inconfessáveis.

O povo, comumente sobrecarregado de dificuldades e sempiternos problemas domésticos, causados sempre pelos aumentos constantes do açúcar, feijão, soja, etc. e sempre pelo vil metal – mui escasso ontem hoje e sempre em consequência dos parcos salários – não possui o tempo necessário para se dedicar a tais assuntos.

A juventude, apelidada indevidamente pelos velhos de “futuros governantes” (mas somente quando existem problemas insolúveis), está também muito preocupada em fazer evoluir o milenar atrasado e velho Mundo, através de revoluções: físicas, culturais e metafísicas. Razão pela qual ignora a inimiga invasão.

Assim, há motivos de sobra para considerar o presente trabalho, bem como o tempo despendido em tais considerações, apenas uma humilde oferta de colaboração para minorar o sofrimento desse povo sofredor (que merece mais benigno Destino), fruto de longo e penoso período dedicado ao estudo da evolução e análises sobre o surgimento, origem e finalidade dos ObjetosVoadores Não Identificados = OVNI.

Necessário se torna abrir parênteses para dizer que eles foram batizados com o nome OVNI (não identificados), não por ignorância,

porém, muito pelo contrário, pelo absoluto conhecimento das características dos aparelhos e também dos seus tripulantes.

Os objetos veiculadores dos esquisitos seres têm vindo sob diversas formas quais sejam: 1) físicas = charutos, discos, pratos, panelas e, incrível, até frigideiras: 2)etéreas = monstros, sinais luminosos, anjos, cataplasmas, sois, vultos e fantasmas semi-invisíveis, justamente para confundir a população e levá-la ao descrédito face suas malfadadas intenções.

A principio "Eles" desceram à Terra sem passageiros, tal qual o nosso conhecido avião espião: teleguiados. Deduzindo lógica e subsequentemente, avós diversos voos de reconhecimento e registradas as nossas fraquezas supérfluas, remeteram os primeiros entes da sua fauna animal. Suicidas? Robôs? Ou simplesmente degredados, como o fez Portugal no inicio da colonização? Não se sabe. O fato é que observaram e presenciaram, tranquilos, a sossegada vida terreana em viagens de estudo.

Então (por que não?) aumentaram em várias vezes as incursões, seguras ante nossa senil impotência, iniciando a introdução de cobaias, para maior consolidação das suas leis de conquista, na verdade ambiciosa pirataria disfarçada. Outra dedução de pura logística.

Da plena escalada passaram ao ataque, decididos a transtornar a paz dos tranquilos boas-vidas terrenais. As rebeliões e tragédias transformaram-se em coisas cotidianas, como a falta do feijão, por exemplo, sendo analisadas apenas geofísica e sociologicamente, quando não em sua metafísica, pelo nosso supersticioso mundo!

Os cientistas ignoraram os papéis dos membros exteriores nas revoluções comunistas, chinesas e latino-americanas. Apenas para citar algumas ocorrências mais conhecidas: o "black-out" de Nova Iorque, os terremotos e enchentes na Grécia e Itália, China – as revoluções raciais africanas e norte-americanas, os tsunamis... Tudo! São fatos incontestes de ingerência extragaláctica em assuntos internos, que ferem as cartas e os princípios de orgulho dos povos independentes que somos. Por que ignorá-los? Por que não combater essas criaturas intrometidas audaciosamente em nossas discussões eguerras domésticas, clássicas e seculares?

Os terrificantes entes, após vários ataques terroristas, aproveitando a inércia pacificadora peculiar dos terráqueos, estudaram profundamente a vida e linguagem de determinadas regiões previamente escolhidas para os testes invasores, se recapearam de humanos assimilando o seu modo de vida com perfeição tal que ninguém desconfia de nada, exceto, óbvio, nós os membros e componentes da Sociedade Anti-Ovni, que deliberamos dedicar a nossa vivência rara desmascarar, derrotar e expulsar o temível invasor. Evitar a escravidão do povo-flor que somos - amantes da paz e da liberdade - sob os tacões ditatoriais extraterrenos, por isso mesmo indesejável.

Atualmente, nós, os sábios estudiosos desse delicado assunto, estamos meticulosamente organizados em sociedades modernas, equipadas para tal fim, com filiais, escritórios, associados a organizações similares de reconhecimento mundial, como: UNCCLE, CIA, SPECTRE, KGB, 12º BUREAU, SY, etc., além de agentes secretos espalhados por todas as nações, inclusive as que não mantêm entre si autoridades consulares.

Quando se trata de agressão externa, os inimigos se unem...

Pessoalmente, se conseguimos algum êxito, dirão os que lerem o presente relatório, amplamente difundido nas seções acima citadas e nas revistas especializadas, onde, enfim, haja queridos humanos interessados em levar os vis conquistadores à derrocada final.

Em serviço sou uma pessoa com os sentidos alerta... Estagiário na Escola de Policia (ESPOL), na Divisão de Ordem Social e Puritana (DOSP), no Serviço Atual de Informação (SAI) e do BFILIAL – e também diplomado em cursos especializados nos nossos associados queridos, acima (CAP 1) mencionados.

Dedicado de corpo e alma à operação, não passo de um mecânico ser, sem piedade ou sentimentos burgueses e outras pieguices humanas e humanitárias, próprias da plebe ignara, os quais, por certo, iriam prejudicar sobremaneira a captação de elementos ativos do horroroso e tétrico mundo que, desabridamente, nos agride do desconhecido.

Os melhores dias para o trabalho eram os chuvosos, de cor acinzentada e doentia, época laboriosa e fatigante em que surgiam as mais estranhas criaturas, anuviadas, que não me enganavam, porém, terreanos comuns que eram.

Faces barbudas e tosca roupagem a cobrir os corpos magros de andar e gestos delicados, não tão másculos; mulheres desejando aparentar-se ao sexo forte, cabelos curtinhos e constante companhia feminina; homens e mulheres indefinidos, de olhar profundamente injetado (cópia romântica do Século XIX), denunciador, entretanto, do tipo de cigarro consumido, dos comprimidos ingeridos, das injeções injetadas e dos imundos pensamentos que lhes sujam o cérebro.

Gente sem braços, sem pernas, sem membros. Camelôs de rápido e perigoso comércio, policiais ocupados com mil multas diferentes, batedores de carteiras, gigolôs, padres, putas – tudo ser humano normal que encontramos diariamente nas ruas e praças.

Destarte, só interessavam as personagens misteriosas sem os caracteres acima mencionados, possuidoras de tiques raros, dos enviados d' além-céu, perceptíveis apenas aos agentes previamente preparados e capacitados para tal fim.

As exaustivas e pacientes investigações, após vários contatos "frios" obtiveram recompensa quando, não obstante maravilhoso festivo dia de sol e ar primaveris, encontro uma moça tipicamente etérea, invasora de corpo e alma. Como se trata aqui de relatório segue os dados oficiais físicos, com a observação de que foram tomados como medida os padrões terrestres.

Idade 14 anos; 1,75m de altura, peso 65kg e medindo aproximadamente 85-50-85cm. Nacionalidade constante da carteira de identidade mod. 19 - Sueca. Os cabelos, trigais que jamais vi. Dos pés â cabeça a perfeição suspeita: os olhos verdes, verdes como o mar alto manhã cedo. A pele delicadamente branca e rosada. Definitivamente, o nosso país tropical não poderia jamais ter em seu seio uma criatura com essa descrição.

O nome? Liriana.

O rosto, as pernas, a boca (que lábios!), os pés, o corpo!!! Acompanhei isso tudo detalhadamente e não duvidei mais estar ante a mais memorável e extraordinária descoberta. Finalmente o invasor! Os aperfeiçoados extragalácticos certamente cometeram um insustentável engano. Ignoraram, porventura, que nesta Terra a perfeição é uma anormalidade? Meus nervos tremeram todos de emoção. Senti a pele fervilhar, eriçados os cabelos, formigando os pés. Poucas coisas na vida haviam-me provocado tamanho estado de excitação.

Quando voltei a examinar o seu modo de caminhar consolidou-se o achado. Somente uma enviada de outro universo poderia andar-bailar daquele jeito. Não pisava no solo, coisa que pensei ser exclusividade das cariocas da Tijuca! Flutuava. Flutuava como se estivesse a desfilar sobre nuvens, com a leveza das garças e a graça dos cisnes.

Confirmei a revelação com o antigo e eficiente truque de jogar ao chão uma moeda e apanhá-la. Verifiquei que pairava a alguns milímetros do solo. Fiquei, é certo, numa posição ridícula, pois ninguém jamais vira apanharem-se moedas com o rosto rente à calçada. Mas estava confirmado: Flutuava!

Não tive alternativa senão passar à ação direta provocando, inicialmente, uma palestra informal e vaga. Primeiro ao tomar um cafezinho juntos no mesmo bar, acompanhado de leves comentários a respeito do rigoroso e raro frio que estava fazendo. Convém aqui abrir outro parêntese, para citar suas suspeitosas ponderações a respeito. Não sentia tanto frio quanto a gente normal. Alegou que sua família era de um país (que traduzi: Mundo) muito frio e gelado. Razão que serviu também como justificativa ã sua pronúncia irregular.

A intimidade se aproximava. Foi bom puxar a Suécia no assunto, pois logo falei da admiração que tenho por seu povo, pela sua sociedade, com aquela tonalidade de quem a imagina um paraíso distante e longínquo do nosso. Exaltei-me elogiando vivamente a política socialista e real, o amor livre, as mulheres que escolhem seus companheiros para a dança e para a cama. E da vontade verdadeira que tenho de ir à sua humana e calorosa terra.

Agente frio que sou, porém, logo voltei ao convencionalismo e registrei as anomalias, iniciando, em paralelo, a confecção de relatórios para enviá-los à Central, com a certeza de estar diante dum potencial inimigo, de uma enviada de excepcionais dons e mor tal periculosidade.

Tornava-se importante não perder o contato adquirido, o que habilmente consegui provocando encontros casuais na condução, nos locais de seu trabalho, como um vizinho persistente que acaba fazendo falta quando não se vê. A intensidade de tais encontros foi aumentada paulatinamente, de acordo com a fingida amabilidade com que todas as vezes eu era recebido, com o fim evidente de ser explorado e, futuramente, raptado ou neutralizado. Bem sei.

Deu-se inicio, assim, a uma contenda entre dois espiões interespaciais, visto que Liriana fazia o mesmo jogo, o que imediatamente aceitei. Passei, ou melhor, passamos a descobrir segredos e interesses um do outro.

Liriana não conseguiu, para minha íntima alegria, aclarar certos hábitos e manias, quando foi por mim sabiamente interrogada. Considerava-me, com as dúvidas obtidas, na dianteira das descobertas, dava passos ainda maiores e mais rápidos. Ela trabalhava numa firma de importação e exportação como secretária estenodatilografa com conhecimentos de vários idiomas (fato devidamente anotado). A firma era estrangeira, filial da matriz na Suécia.

Liriana mostrou-me o recorte de jornal pelo qual conseguira o emprego. Tentou, também sem sucesso, explicar o porquê da sua pele de

misterioso rosado, levemente chamuscada de sardas. Tipo raro que era, achada em tão cálidas terras.

Desconsoladoras, igualmente, as informações sobre certas linhas sinuosas, azuladas, que apareciam nitidamente sob as unhas. Veias? E por que sentir que eu sentia, quando ficava, em momentos ternos, fitando seus olhos verdes? Como que hipnotizado, de olhos fixos atravessando cálidas e verdes águas? Por que o meu corpo se aquecia automaticamente, e era como se estivesse flutuando em mar calmo, em nuvens altas, sei lá?

Quando comentei o fato, Liriana suspirou apenas como terreana qualquer. Acentuava-se então o vermelho da face, engolindo as sardas e ela sorria. Ria um riso aberto e franco, certamente a pensar “como facilmente se escravizam os terráqueos”.

A essa altura dos acontecimentos, convém informar que tive por bem provocar um compromisso maior e voluntário, com a finalidade óbvia de ficar mais tempo a seu lado, estudar mais liberalmente o “modus vivendi” dessa maravilhosa criatura, bem como a sua missão em nosso planeta. A decisão foi tomada sem consultar a Central OVNI porque Liriana passou a provocar brigas (como os namorados comuns), pelos motivos mais fúteis.

Certa feita - registrei - não falou comigo durante vários dias (na verdade foram 20 dias), o que me deixou profundamente sentido, paralisando parcialmente as ações. Dias tristes que tive de desabafar tudo num encontro com velhos amigos e bastante bebida. Dias em que tive o pesar de registrar os primeiros sintomas de algo mais sério que ocorria ao meu humano coração.

Com o compromisso assumido, entretanto, tudo voltou à calma. Maiormente comprometidos passeávamos aos domingos, mãos dadas, machucando as folhas avermelhadas soltas ao léu empurradas pelo vento frio de inverno. Horas de ternura e carinho em que eram abandonadas as prerrogativas interplanetárias, metamorfoseados que estávamos em gente simples a gastar o amor.

As frases de Liriana, bonitas e acariciantes, expressando-se às vezes em sueco a dizer-me declarando quão grande era o seu amor por mim. Em alguns desses instantes, contudo, raramente Liriana mostrava gostar de mim. Razão para que, quando isso ocorresse, acreditasse sem fingimento ser a pura verdade. Uma noite, sentados numa escadaria, a lua esgueirava-se em raios através do cimento para chegar até nós. Eram apenas filetes de luar: o luar do século XX. Cercando meu rosto com suas mãos, num repente Liriana solta a frase.

– Eu gosto de você e você sabe disso.

Liriana! Sou um pobre terreano, fraco, a descobrir de repente que tem amor para dar. Seus verdes olhos, seu corpo, você! Gigante que me sufoca e domina, para conquistar que mundo?

A seguir não foram poucas mais perguntas sobre minha vida, gostos e prazeres. Por que ainda não era casado, se outras pessoas (normais, segundo seu parecer) casavam-se entre 20 e 30 anos. Estudava-me descaradamente e eu me defendia da melhor maneira possível,, dando respostas vagas e capciosas. A respeito do casamento, por exemplo, sugeri que nem todos os homens terreanos (destaquei várias vezes esta palavra que ela desconhecia)

são iguais, parasitas, lesmas, escravizáveis – o que estranhou, também, pois não considera o casamento escravidão.

Disse-lhe, finalmente, que ainda não havia casado por não ter encontrado a mulher ideal, mas logo isto ocorresse casaria. Liriana ficou satisfeita com essa utilização de um lugar-comum no homem solteiro: a mulher ideal.

Os momentos de interrogatórios logo eram transformados em ternas ocasiões, devido à habilidade de Liriana em conduzir as coisas a seu modo, dosando obrigação e prazer para evitar o cansaço mental. Cobria-me de doces beijos (quando Liriana beijava, a sua boca produzia uma saliva doce e quente, como o licor Cointrèau), entabulando uma conversa amena deixando-me desgovernado como um robô com o controle remoto escangalhado.

Seus lábios macios me carregavam a qualquer lugar desconhecido. Intermináveis minutos, o corpo inteiramente embriagado, ajustado ao de Liriana em forma. Afora esses momentos, a investigação prosseguia célere e dura.

Como que obedecendo a um plano pré-estabelecido, Liriana tornou a se mostrar dispersiva, negando-se a colaborar – nas minhas já declaradas intenções. Talvez essa reação tenha surgido após minha confissão de amor. Por mais que insistisse, ela abstinha-se terminantemente de falar comigo tais assuntos, aborrecida e zangada, condenando tantas "bobagens". Que fazer?

De novo estava em jogo o bem da Humanidade acima de qualquer vontade pessoal. E para o bem de todos e felicidade geral da Terra,

solucionei a crise, mais grave e intensa, com a mais racional das propostas humanas: noivado. As alianças vieram a tempo de deter a tempestade em que Liriana se transformara.

Que dia maior de felicidade Liriana teve? A alegria estampada no rosto, o corpo vibrante a contagiar tudo e todos. Parecia gostar de mim com tanto sinceridade que eu senti dificuldade em combatê-la como invasor. Porém, considerava o noivado um sacrifício, embora espontâneo, com a lógica intenção de penetrar no mais íntimo de Liriana, membro de civilização guerreira e ameaça terrível a toda uma população, extermínio e escravidão.

Qualquer pessoa faria semelhante imolação, tenho certeza, em prol de uma vida melhor, sem extraterrenos. Não creio ser preciso dizer que Liriana aceitou a proposta supercontente, como quem ganha a primeira rosa do primeiro amor.

Dentro de mim havia a reserva de boa vontade, o amor por um quase semelhante. E veio o desejo de atrair Liriana aos nossos domínios. Desejo adquirido em consequência do grande amor que nutri por Liriana, a única pessoa a quem definitivamente amaria na vida. Os relatórios prosseguiam, sendo publicados nas revistas especializadas OVNI de todo o mundo.

Os anos se sucederam céleres, ao passo que as investigações arrefeciam. Os progressos iniciais obtidos reduziram-se a quase nada. Mantive, porem, a linha interdependente o quanto pude, apesar da constante pressão da Liriana com apoio de colegas do trabalho. Já conseguira, anteriormente, uma vitoria com o noivado e sempre arranjava concessões para livrar do mais perigoso ataque: o casamento. A solução

provisória era sempre prolongar ao Maximo o noivado, até conseguir mais informações a seu respeito.

Hoje em dia, quando a gente pensa que conhece alguém, descobrem-se logo as surpresas e novas facetas. Tentava arrancar coisas íntimas de Liriana e de seu povo, mas o que conseguia eram informações sobre a Suécia. Como espião dos melhores, eu sabia que os últimos suspiros estavam por vir. Em breve Liriana haveria de descobrir meu jogo duplo amor-espionagem e fulminaria minhas pretensões enviando-me desintegrado a algum lugar do universo infinito ou, quem sabe, ao seu longínquo local de origem.

De qualquer maneira, prefiro morrer em serviço a ser retido como marido de um ente desconhecido, que pode muito bem ser um computador ambulante. Sei lá. Não seria Liriana um "ciborg"? Um robô de seios róseos de borracha ou silicone? Apesar de ter mostrado identidade, seu nome pode ser um número ou uma sigla qual quer, como: AMOR 1 ou ROSINHA-II, ou simplesmente 0000000. Os verdes olhos que fito e amo, piscina térmica envolvente, podem na verdade ser de plástico, olhos de córnea de fibra acrílica.

A noite está linda, um convite para o amor. Sua mulher o recebe com um beijo. Após o jantar, aturadas as novelas e informativos da TV, chega a hora de deitar. Procura a mulher amada com caricias, desejando seus carinhos insubstituíveis. Busca ávido em seu corpo a tensão que prolonga a vida humana e faz crescer a paz interior. Em troca, o que encontra? Um robô.

Ela a tudo rejeita aborrecida, chateada e resmungante, com um mero clic. Ao desligar um simples botão estará morta. Dormindo, cheia com e de você. Frustrado e incontido tente religar o tal botão. Em resposta você é atacado por uma descarga elétrica de não sei quantos volts que tem de aturar heroicamente. O melhor ê suportar tudo, dormir e aguardar que, quando acorde, seu equipamento eletrônico sensitivo esteja num melhor dia.

O coração, que ela diz ser todinho seu, é capaz de ter um corpo de silastic, artérias de drácon, com as batidas harmonicamente cadenciadas por um pacemaker, um marca-passo eletrônico. Ah, quantas terríveis dúvidas a respeito de Liriana! A única solução viável ê prosseguir indefinidamente as investigações, sujeitando-se a ser neutralizado ou imolado, como quiser o destino.

Tendo vindo de um planeta onde a igualdade é originariamente relativa, em todas as camadas da população, Liriana tem todos os preconceitos debelados, até mesmo o tabu sexual. As camadas por nós diversificadas que constituem o povo e vão da classe hipermilionária aos superpobres, não têm localização no ponto de vista liriânico.

No mundo de Liriana virgindade, traição, infelicidade conjugal e outros problemas sociais idênticos, são raríssimos ou mesmo nenhum. A mulher escolhe o modo de vida próprio para ter a liberdade de escolher o companheiro. Uma vez que igual ponto de vista é tido pelos homens, do seu amor, a mulher tudo recebe, tudo espera, transmite gestos recíprocos. Dedicando a alma, o corno, os sentidos e o desejo, recebe o trabalho, o amparo ilimitado, a satisfação total do ser e do existir.

Como, então, combater esses extraterrenos invasores? Como pretender derrotar escravocratas com tal ideologia? Como evitar que tenhamos pensamentos refletores de tais ideias? A viver como vivemos, apesar de todas as vantagens acima mencionadas, é preferível ser escravizado a uma sociedade que respeita aquelas condições justa e honestamente. Sem as distorções berrantes e bizarras que nascem conosco. Por que não?

As falhas da minha terra vieram ã tona como corpo expulso do mar. Liriana pregou-me uma peça. Propagou o amor como a única arma alcançável contra a guerra, a miséria, a fome. Dissemina o trabalho como bandeira contra o colonialismo, a reação fraterna, a servidão monetária – fatores ultranegativos de progresso e bem estar social. Prega a união como fonte de força e humildade contra as minorias detentoras de poder sabre os livres, opressora, portanto. E demonstrou que a humanidade é feita e erigida sabre erros e perdões. Que a cada erro deve ser dada igual dose de compreensão.

Certa vez consegui captar um texto de uma carta, escrita em linguagem visivelmente estranha. Disse-me Liriana tratar-se de dialeto nórdico, que seus parentes utilizavam para melhor se expressar, o que tive de acreditar, pois na ocasião não tinha grandes conhecimentos do sueco. Tirei uma cópia xerox, remetendo-a ã Central OVNI para estudos. Outras descobertas datam desse mesmo período.

Uma fotografia em preto e branco na qual Liriana aparecia envolta num halo luminoso. A explicação dada era de que sol, em sua terra, fazia maravilhas no inverno e a natureza realizava transformações inimagináveis. Para mim tratava-se de um OVNI, deveria ter sido colocado em nosso catálogo geral como o aparelho que trouxe Liriana e outros seres

semelhantes, para a atuação na Terra. Novamente furtei uma cópia e remeti para analise nos laboratórios secretos OVNI.

Quando eu estava investido nas funções de agente OVNI, tudo o que Liriana fazia, de bom ou de mau, era suspeito. Notei que ela queria forçar-me a acreditar no seu declarado amor em sua dedicação primorosa como prova desse mesmo amor. Na maioria das vezes deixei-me levar nessas crenças, frágil humano que sou.

Vale observar que, na verdade, os terreanos não estão capacitados para receber uma civilização no estilo propagado por Liriana, pois nos países subdesenvolvidos sobrevivem tendências reacionárias aos processos progressistas. Ademais, nós os humanos somos ainda brutos, egoístas, mesquinhos, avarentos e sempre mercenários.

A isto me fazia ver Liriana com bastante razão. O inteligente necessário para reconhecer no nosso povo o defeito de pôr o mercenarismo ã frente de qualquer ponderação lógica. Era impossível deixar de ver tal realidade, cruamente exposta, quanto a esses deslizes de nossa sociedade. Por diversas vezes notei, nos problemas discriminatórios de raça, posição social e monetária, o quanto é primitiva a paupérrima civilização que edificamos.

Assim, Liriana deu por encerrado o ciclo de estudos comigo.

Outras vezes eu já havia sentido por dentro uma incomunicabilidade incompassível entre palavras e atos. Liriana dizia uma coisa, mas as palavras não se materializavam. Somente após o expurgo final, burro humano que sou, comecei a notar que o processo de rejeição havia se iniciado há muito

tempo. E suas palavras, então, mudaram radicalmente de sentido, seus atos contradiziam o passado harmonioso, devastadores, destruindo tudo. Seus gestos mostraram-se opostos e dispersos ao todo que compunha a figura de Liriana. Caí em mim, petrificado com o ultimato.

Tudo acabado!

Tão súbito que não poderia ter vindo de uma terráquea! Voltei à incompreensão de tudo o que havia ocorrido, tudo a quilo. Que diabo de reviravolta é capaz de haver numa mente, humana ou inumana, que faz com que as pessoas passem a desdizer tudo? Que espécie de sentimento faz anular as centenas de felizes dias com as mais simples e vagas palavras?

O que passou, passou...

Então, certas situações anteriores foram-se aclarando no meu cérebro anuviado pelo amor. Às vezes Liriana se portava como estivesse numa prisão. Como se carrasco fosse e, talvez, sua própria masmorra. Essa situação se irradiou até mim. Parecíamos prisioneiros um do outro, querendo liberdade, mas presos. Angustiantes momentos em que as palavras e os gestos ressurgiam sem sentido, sem cor, sem poder.

Estando totalmente dentro das possibilidades o sacrifício, como ficou estabelecido anteriormente, nada fiz senão acatar a decisão do Destino, não antes sem reagir impetuosa e estupidamente como só reagem os humanos incontroláveis. Reação que a razão não contorna nem explica.

Tentei, por meios e palavras, circundar a situação, o que consegui tenazmente, para saber logo depois que estava apenas prorrogando a

execução final. Era inevitável a separação, mas a felicidade tinha raízes mais profundas, para resistir unilateralmente, até que suas últimas forças se desgastassem rompendo definitivamente o elo, sem estertores.

A imagem de Liriana ficou gravada em mim. Intimamente atormentava-me a existência, já supérflua, fazendo vir na mente soluções cinematográficas para o meu drama. Seu retrato surgia nas horas mais inesperadas, como se estivesse espreitando, lançando-se nas mais diversas ocasiões, nos momentos mais ternos.

Imagine-se num quarto escuro. Um projetor, estacionado em qualquer lugar desconhecido, envia ao seu redor os quadros de uma feliz e comum existência bruscamente interrompida, sem cronologia. A reação é indescritível e inimaginável.

De forma que, ao estar fazendo as coisas corriqueiras e automáticas da vida, surgem em flashes mentais os momentos passados ao lado de Liriana. Que dor! Da curta existência amorosa estão guardados somente os alegres instantes. Todo o pior e esquecido, só a separação e crua e nítida, permanecendo encravada na carne, como de inevitável eternidade.

Nada mais sou que um morto. Sim, o método de imobilização utilizado por Liriana foi a eficaz morte-viva. Porque morrer não e apenas sentir estancar as batidas do coração, nem apenas ver desaparecer da retina tudo quanto é paisagem. Não somente ouvir calar o cérebro de pensamentos, a poética sentimental fenecida, a ideia morta.

Morrer é ter palavras em grito retidas na garganta e não ser ouvido; é ter vivência sem finalidade; é existir como um cogumelo. Morrer também é

ter um imenso amor para dar e ninguém para receber. Não ser amado é morrer.

Lego aos pósteros o ensinamento puro do meu amor e do trabalho perseverante que tive, como possibilidades de qualquer avanço que seja, superestelar ou não, embandeirado religiosa e ideologicamente pelo domínio escravocrata, pela subjugação do ser humano através de coação atômica, monetária ou bacteriológica.

Deixo esta mensagem dirigida aos entes mais lúcidos que creem piamente nos extragalácticos elementos comprobatórios da existência material dos invasores. Eles pretendem nos levar à autodestruição por meio de intrigas físicas, sociais econômicas e raciais. Ao povo em geral, que desesperado confiou em mim sua fé, peço sinceras desculpas pelo fracasso a que levei minha perigosa missão. O inimigo é forte.

Àqueles cuja crença não ultrapassa os domínios terrestres, ou se perde em metafísicas ilusões, lamento não ter dado, como pretendia, a prova de minhas considerações – hoje transformada em mera histeria lírica de amor. Hão de ter visto que não foi minha a decisão final, que pretendia ser de felicidade maior. Foram usados os mais diversos artifícios, altos e baixos, até anormais, em sociedade de justiça certeira. Enquanto o senso for destrutivo, poucas histórias líricas serão contadas.

Romeu e Julieta estão falidos. Esse registro de desamor é mais um retrato Liriana, a quem amei e não nego, onde pretendo demonstrar, como lição, o modo pelo qual devem agir meus futuros semelhantes em casos idênticos. Jamais será um libelo, antes, é um terrível apelo.

O milagreiro Christenso

O que chamamos princípio é quase sempre o fim e alcançar um fim é alcançar um princípio. T. S. Eliot - Little Gidding

Quando Christenso nasceu, os seus olhos já possuíam o luminoso brilho do conhecimento. Os espessos cabelos naturais foram notados pelos pais e pelas enfermeiras. No menino, os lábios e o nariz alcançavam a formação adulta. As unhas, os dedos, a mão, tudo prometia tomar forma adulta logo, tão mais cedo que o normal. E sorria para todos, para tudo, as gengivas querendo dentes. Os vincos que sulcavam o rosto julgariam rugas prematuras. A cabeça não parava de mexer para os lados nas direções onde as coisas ocorriam, atraída pelos sons, chamada pelo cheiro, atraída pelo odor de frutas e comidas, guiado pelos ruídos cotidianos. Um verdadeiro assombro!

Aos três meses Christenso começou recusar o peito materno, como a exigir alimentação mais encorpada, mais sólida. Foi essa a tradução dos que começavam a entendê-lo, como um bebê prematuro.

Mesmo assim, certamente Christenso, vendo que eles não captaram de início o sentido de seus gestos, arriscou as primeiras palavras com êxito. Saiu algo parecido com a voz de mudo que adquirisse o dom da fala de repente. Levou de susto as muitas pessoas presentes e logo correu o fato boca-a-boca. Vieram então muitas gentes ver o menino que falava com três meses de idade. A fantasmagoria foi comentada no jornalzinho, para depois varar o país nos periódicos de maior impressão. A manchete circulou durante a semana e tomou rumo do esquecimento em todo o país, enquanto Christenso continuava a emancipação rápida e contínua. Com os exercícios

as palavras saíam mais fluentes e a curiosidade inata do ser humano aumentou o conhecimento geral.

As pessoas da redondeza vinham conversar com o menino (que já se aborrecia com esse tratamento), puxando todo assunto, mesmo raros e dramáticos, que confirmava dia a dia os primeiros sinais de sapiência inata, superior a tudo quanto houvesse visto no mundo. Um portento de embrião! A maioria das pessoas era pobre, sem perspectiva de um amanhã, e assim foi aventada a possibilidade de estar acontecendo algo de milagroso, supra-alienígena, de outros mundos.

Estava na moda a coisa milagrosa. Mas logo, logo, Christenso fez todo mundo desistir desse ponto de vista, pequeno demais para ele. Pelo modo de falar, de desejar coisas estranhas, se mostrar um pouco safado com as meninas, tudo isso junto mostrou não ser ele nenhum santo.

Esqueciam todos que os diabos também fazem milagres e têm santificação tão grande quanto os anjos?

Christenso ficou para o povinho assim entre o Demo e Deus, dividindo opiniões, provocando dissidência, amealhando má fama. Não parou de crescer, porém menos o físico que a forma adulta. Pouco menos de um ano e os sinais de barba surgiam, primeiro como ameaça de bigode, depois propriamente dita. Progrediu no sentido de maior agudeza nas observações, falava que nem gente grande, sentia curiosidade quando um jornal velho era esquecido ã sua frente e tomou os primeiros contatos com as letras. Mesmo sem ter conhecimento da gramática adquiriu facilmente as regras do ler. Os doutores e as pessoas mais sábias do local vinham discutir assuntos de ciência e matemática, quando Christenso fazia apenas um ano.

Todos os livros conseguidos eram apresentados a Christenso que demonstrava conhecer muitos dos assuntos tratados. Quando alguém chegou a sua casa com uma velha maquina de escrever portátil, aguçou nele a curiosidade de manejar e não encontrou dificuldade nenhuma em datilografar algumas palavras. Comentou mesmo a possibilidade de aperfeiçoar aquele aparelho mecânico de escrever. Sendo que as melhorias propostas já existiam nas cidades adiantadas, o que veio aumentar o respeito pela sabedoria contida em tão pequeno volume humano.

Indicou por exemplo que as teclas poderiam ser adaptadas ao idioma brasileiro (notou claramente que a disposição das mesmas não obedecia ao abecedário usado entre nós) e que toda a movimentação deveria ser automática, por meio da eletricidade ou mesmo da eletrônica. Coisa coerente em todo mundo.

O maravilhoso e brutal de tudo é que Christenso nada sabia a respeito, nem o povinho das bandas.

Tomou a máquina emprestada e em pouco tempo concluiu um volume de ideias. Embora o conhecimento não fosse considerado uma anormalidade nos grandes centros o simples fato de ter escrito o livro fez com que conseguisse a publicação do mesmo e voltasse a ter seu nome escrito na imprensa nacional, com algumas repercussões internacionais. Christenso evoluiu quando sua biblioteca aumentou consideravelmente após a publicação do livro. Uma junta médica, na qual se incluía psicólogos, fez uma visita para estudar o fenômeno, chegando ã conclusão que Christenso sofria de velhice precoce, sendo considerado um caso especial, pois suas

faculdades também evoluíram e envelheciam, não só o organismo como comumente ocorre nesses casos.

Entre ano e ano e meio Christenso tomou conhecimento de sua dramática situação: dentro em pouco tempo estaria velho, senil, e a morte viria muito mais cedo que todos esperavam. Viu o grande destino a que foi mandado percorrer. Aos dois anos sem qualquer indicação pessoal o povo aproveitou as eleições e conferiu um mandato de vereador a Christenso. Era como se fosse um vereador honorário. Mas fez valer o seu mandato publicando inúmeras leis que só países adiantados possuíam como a do div6rcio, relações heterossexuais, liberdade total de imprensa e respeitos humanos especiais.

Conseguiu promover uma reforma agrária. Renunciou ã reeleição para conseguir um mandato de deputado. As leis e constituições não consentiam, mas foi fácil manipular um Ato Adicional à Constituição para essa concessão. Assim Christenso obteve um mandato de deputado Assembleia Estadual por quatro anos. Entre as várias leis mandadas a plenário — e todas eram aprovadas sem a mínima contestação — começaram a surgir algumas que violavam frontalmente os princípios humanos e sociais, contrariando mesmo as suas ideias iniciais.

Foi lei de Christenso a criação do Corpo Especial de Guarda, que passou a perseguir e espancar estudantes, artistas e intelectuais, em resposta aos protestos contra os excessos ditatoriais, a guerra, o capitalismo selvagem e a fome em todo o mundo. Cassação de mandatos, suspensão de direitos civis, tortura física e coação psicológica e mental. Tudo isso passou a fazer parte do cotidiano, quando Christenso, mesmo sem terminar o mandato estadual, foi eleito deputado para a Câmara Federal, mediante recurso

judiciário. Nesse tempo suas primeiras tentativas de projetos de leis (divórcio, liberdade sexual e de imprensa etc.) de há muito deixaram de existir.

É de sua lavra a primeira lei mundial que permite a qualquer cidadão ser candidato a Presidência da República desde que tenha mais de cinco anos e o curso primário completo. Não era preciso ser sábio para pressentir onde queria Christenso chegar, em tão pouco tempo. E, também, é de sua diabólica criação as leis que regulamentam o crime de assassinato e institui as penas de prisão perpétua e a de morte aos condenados civis. Tão malditas são essas leis, porque determinam que só ao militar cabe fuzilar os civis – e nunca o inverso. As condenações também sofreram alterações e passaram a variar desde a sonegação de impostos até ao estupro de menores, insultos – escritos ou verbais – aos líderes militares e políticos do país.

Não se sabe se foi por isso, mas ganhou Christenso aos cinco anos de idade a Patente de General de Brigada, com fardamento, condecorações, todo o ritual e liturgia que o cargo exige.

Ele passou a exibir em todas as ocasiões o berrante uniforme, exigindo um carro oficial com batedores como acompanhantes nas recepções em que era convidado. Muito cedo Christenso aprendeu a arte do amor, hoje tremendamente acentuada da com os poderes adquiridos. Senador, aos sete anos, Christenso passou a ter tal quantidade de mulheres, que ficou difícil ser controlado. Como nenhuma conseguia ter algum filho seu, corria o boato de que era essa a razão das constantes e numerosas irritações, que elevavam a sua ira ao cume do descontrole, trazendo como consequência a condenação de milhares de inocentes, carreando-os à prisão, à morte e à desgraça social e familiar.

A nação era cada vez mais cortejada e consultada; em muitas ocasiões em que havia desespero mundial o país era chamado a intervir inúmeras vezes, para servir de mediador em assuntos internacionais – uma potência ilimitada enfim.

Certamente, o poderoso arsenal adquirido, bem como o poderio de todas as forças armadas, ajudava nessa tarefa impressionante de dividir a liderança mundial com outras potências. Christenso vivia ao lado das mais altas patentes militares, em constante contato com os industriais e latifundiários, verdadeiros donos da nação, emparelhado com o presidente da pátria e seus maiorais líderes políticos. Christenso nem esperava tanta honraria, entre as muitas que recebia espontaneamente, quando foi surpreendido, aos oito anos, com a senatoria vitalícia, sonho de qual político de luta.

Estar diariamente entre os mais inteligentes e experimentados políticos da nação, saber dos segredos e conversinhas de caráter privado e internacional, isso ele não esperava. Apesar de o círculo militar estar sempre bem informado, oficialmente quem sabe de tudo são os senadores, geralmente velhos políticos que atravessaram todas as correntes ideológicas imperturbavelmente, sem ao menos sentir emoções por algumas delas.

Reais e verdadeiros políticos são esses que se escudam com ideais de pedra. Já nem ligavam mais para o povo, isso era assunto de outras gentes.

Suas leis eram agora como se fossem tratados internacionais, seu pensar era parte das políticas das grandes potências, tanto militares como econômicas.

Nada mais de coisinhas pequenas, sem o valor grandiloquente dos assuntos mundiais.

Pensar em movimentar fabulosas somas de moedas, toneladas de ouro dos ricos cofres das nações, grandes e incontáveis contingentes militares, armamentos fabulosos que se lançam ao apertar de botões.

Tudo isso — a glória do poder! – em suas mãos, como um mero jogo eletrônico.

É fácil até demais: desembarcar não sabe quantos milhares de soldados em tal cidade; derrubar o governo de tal nação; fazer alianças com os melhores grupos ideológicos do momento, seja qual for; lançar mísseis sobre tal região para amansar revoltosos, etc. etc.

Ganhar a vice-presidência quando do falecimento estranho (seja dito) do titular provocou imensa festança que durou a semana inteira. Todos os políticos de todas as nações se fizeram representar.

No meio do povo – a pobreza mais pobre, a fome pior possível – a carestia nunca largava suas costas. Fardo e cruz que tinha o povinho de carregar desde o nascimento daquele gênio, que já condenavam.

Mas, justiça seja feita, nenhum nem ninguém teve jamais tantas maldições caídas sobre seu costado do que ele. Todas as religiões buscaram o melhor de suas forças para atirar Christenso no mais horrível dos infernos.

E não são poucos os malefícios evocados — quando procurados — a prova está no próprio ditador. Aos dez anos, depois de conseguir retumbante vitória política no Senado e na Câmara; depois de ter a aprovação de todos os governos aliados; depois de encontrar apoio dos lideres religiosos do mundo, Christenso foi eleito Primeiro Ministro, eterno ditador, coroado com todas as pompas Imperador dos Impérios.

Aos trezentos anos de vida Christenso admirou a Terra e temeu novas catástrofes. Na desolação terrena os animais brigavam entre si, a princípio em busca de alimento, depois por necessidade de sobreviver, logo após, a gana de conquista seguido do almejado poder total. “Nunca tomarão jeito” — pensou.

Christenso apontou o dedo e fez um cadáver de dois litigantes. Concentrou-se fortemente e um lago que prejudicava a plantação de alimentos dos índios sobreviventes surgiu. “Aqueles pelo menos vivem a plantar...”

Voltou a vista sobre os montes e divisou uma fumaceira danada que partia da boca de um vulcão extinto. Algum depósito de substâncias atômicas resistia e provocava continuadas explosões. A terra tremeu, novas aberturas e rachaduras se transformaram em rios e escarpas íngremes. Christenso chorou, pois teria de apelar para a violência e neutralizar aquelas ameaças.

Usar a violência, mesmo para o bem, havia sido altamente prejudicial em um passado remoto. Toda vez que era atraído para a violência, mesmo para o benefício de todos, Christenso chorava horas seguidas. Sentou-se e

concentrou toda sua força. A montanha estremeceu, elevou-se e evaporou transformada em pó. “Essa não aporrinha mais minha consciência” — falou.

Destruiu uma tribo inteira que guerreava contra povos pacíficos, lavou as mãos num riacho cujas águas límpidas começavam a tinturar de sangue.

Somente então ele descansou.

Câncer

O Tio sentiu uma dorzinha aguda na *ponta do fígado*. Pensou que fosse efeito da taça de vinho licoroso que bebe todos os dias às refeições e comprou um vidro de extrato hepático. A dor foi embora, melhorou um pouquinho o amargor da boca, voltou ao licoroso e não ligou mais para o assunto.

Alguns dias depois, o amargor voltou mais forte, vomitou a comida da janta e ficou com o estomago embrulhado a noite toda. Suspendeu o licoroso de vez e passou para água mineral magnesiana. Além de dobrar a dosagem do extrato hepático, passou também a tomar chá de boldo-do-chile. Melhorou um nadinha, suficiente para não lembrar mais do caso.

Um mês depois de confessar ao médico as ocorrências foi fazer uma porção de exames – um checape, como dizem. Tinha perdido o apetite até para as coisas que mais gostava e começou a emagrecer. Os resultados dos exames chegaram sem acusar nada de grave e confirmar as mazelas de sempre: pressão alta, colesterol irregular, triglicerídeos idem, sinais de excesso de uréia, por aí afora. Isso passa logo, era o que diziam.

Demorado três meses, os sintomas não se alteraram, o Tio retornou à clínica para outro checape. Exame vai, exame vem, tira sangue, urina, fezes, fundo de olho, mede pressão, até que um resultado descobriu um tumor no fígado. Aí ele já estava bem mais magro, a comida não se aguentava no estomago, se alimentava de frutas, sopinhas, injeções e suspeitas. Só pode ser coisa do mal, coisa rúim.

O primo que era médico e fatalista como quê, foi o primeiro a lamentar:

– Coitado! Logo com o Tio, um santo, querido por todos, foi acontecer uma coisa dessas. Tanta gente rúim no mundo...

Os argumentos esperançosos afloraram como capim. Pode ser ameaça de hepatite, pode ser benigno, tudo que promovesse maior sobrevida enfim. O primo, como médico que era, para lavar as mãos da qualidade de parente, quis confirmar e consultou um colega especialista:

– Hem doutor, o homem está todo bom, coração, urina, pressão, colesterol – só as coisinhas controláveis de sempre – aí vem, examina o fígado, faz a biopsia, descobre o tumor, o que é, hem doutor? O colega movimenta a cabeça, como a confirmar tudo mudamente.

O Tio sentia a dor penetrar como se varasse os músculos até chegar aos ossos, no esqueleto todo, pulando de osso em osso. Estirado na cama de colchão macio, todo cercado de travesseiros e almofadas para amenizar o sofrimento, um feixe de ossos atado com as peles, tudo doendo uma dor insuportável.

Como suportar tanto sofrer? Às vezes é melhor que a morte chegue logo. Comer, nem falar! Gosto nenhum lhe chegava à boca, por isso o alimento parecia um insípido bolo de terra. E todo mundo que chegava não deixava de comentar em palavras sussurradas, relembrando *a cara de bolacha, corada, risonha, alegre com tudo e todos*, que caracterizava o tipo bonachão que o Tio era. Ninguém acreditava no que via agora.

Rezas e promessas se multiplicavam em toda igreja possível e também em muitos terreiros espíritas e umbandistas. A mulher e os filhos agüentavam o tranco firme e dentro das possibilidades se faziam presentes. Todos sofreram na carne, mas era inevitável que alguém se iludisse:

– Qualquer dia desses o Tio aparece aqui para jogar buraco e pontinho com a gente como, se nada tivesse acontecido. É só esperar que logo, logo ele dá as caras...

Depois de tantos comentários escondidos e planos cochichados, uma noite dessas de silêncio pegaram o Tio, meteram no carro a puz de dar um passeio e rumaram para Teresópolis, em último e desesperado recurso. Correu o boato de um médico espírita muito bom, que recebe *Dr. Fritz*, tem capacidade de dar um jeito no Tio. Depois da primeira ocorrência, em que as operações eram filmadas e teve repercussão internacional, o país todo está cheio de médicos espíritas que recebem *Dr. Fritz*.

Dr. Fritz fez toda a operação em transe e em transe lamentou o estado adiantado em que levaram o Tio para operar. O Tio, deitado numa maca, suportou os cortes invisíveis na pele, os espremidos dolorosos na barriga, as pressões agudas sobre o fígado, depois botou sangue pela boca, por algum ponto desconhecido do ventre e sentiu dores pós-operatórias:

– Daqui a duas semanas, traga ele aqui para retirar os pontos (que ninguém via) – recomendou de olhos vermelhos *Dr. Fritz*. Não foi preciso.

Logo no dia seguinte, com o corpo ainda transido pela operação em Teresópolis, baixou hospital:

– Desta vez é para operar logo, acabar de vez com o sofrimento, parar com a morfina.

Ficou um dia só. Nem esquentou o colchão. A junta médica se reuniu, com o primo participando, examinou o paciente, leu o histórico, por fim deliberou devolvê-lo para casa:

– Em casa ele será mais bem tratado, terá mais conforto, estará entre familiares, longe do ambiente depressivo dos hospitais. E assim poderá viver mais um pouco.

O Tio foi levado de volta a casa com uma receita dos medicamentos mais modernos para resistência à dor. A irmã, mais realista que os demais, sentenciou:

– Quando o doente é devolvido assim para casa, é porque não tem mais jeito.

Antes de perder de vez a consciência, o Tio recomendou ao filho mais velho:

– Aconteça o que acontecer, não deixe de ir ao casamento de Osmar. Tenho-o não só como sobrinho e afilhado, mas também como filho e amigo. Ademais prometi a ele que iria e não quero falhar: você será meu representante.

* * * * * *

Por três dias seguidos, coisa que jamais tinha ocorrido, Osmar chega atrasado e atarantado ao trabalho. Executa as obrigações desleixadamente, repete as ações duas ou três vezes, caminha esbarrando em tudo, meio aéreo, esquecido, meio aéreo. Comenta as coisas com desatino, dá notícias sem interesse e termina a conversa com algum dito moral ou religioso, coisa incomum para ele. Reclama do trem, do metrô, do ônibus, xinga todo o sistema de transporte, inclusive dos táxis. Após o almoço reclama da comida, arrasa a qualidade dos restaurantes, do cafezinho, caro e rúim, dos toaletes sempre carentes de limpeza.

Quando consegue ficar calmo cita seguidamente fragmentos da Bíblia para falar da mensagem de Cristo, das perversões da humanidade, da ressurreição da carne, da vida eterna, amém. Um dia desses, muito louco, ele entrou no sanitário do escritório, urinou na pia, lavou as mãos no sanitário e saiu de lá rindo consigo mesmo, com o olhar vazio fitando o nada. Dava dó vê-lo assim. Mas todos sabem que Osmar está com problemas graves advindos da situação que passa em casa, por isso tentam ajudá-lo e respeitam em silêncio todo esse sofrimento. O seu parente mais querido, o Tio, anda doente, mal mesmo, já desenganado.

Não quer mais comer e emagrece dia-a-dia. Daqui a pouco – todos sabem – ele será apenas um esqueleto ambulante a nada mais. É por causa dessa luta desesperada pela vida do Tio que Osmar entra em conflito com todo mundo, trazendo mil problemas para o escritório. Todo mundo perdoa porque sabe do que se trata, porque entende o fim triste que está destinado ao Tio, porque sabe que o homem sofredor procura sorrir, mas não consegue e fuma toda hora.

Manter Osmar ativo no escritório é vital para a sua sobrevivência, assim ninguém pensa em mandá-lo para casa. Um dia, por descuido, alguém deixou escapar o comentário que cigarro dá câncer. Fez-se um silêncio mortal em toda a sala, mas Osmar não deu sinais de estar abalado. Um dia, sem mais nem menos, ele chegou ao escritório e puxou o assunto friamente. Estava sozinho com um colega e lhe perguntou por que não se encontrava logo um remédio para curar essa doença.

– Que doença? O colega se faz de desentendido.

– Essa! Essa!

Osmar não tem força de pronunciar a palavra, o nome fatal. Por fim, ele ouve uma resposta que não queria ouvir:

– Afinal, ainda não se descobriu remédio para curar uma simples gripe!

Osmar chegou desolado em casa e foi direto chorar nos ombros de Maria.

* * * * * *

Pela terceira vez viajo pro Rio de Janeiro. De vez em quando recebo comunicação de minhas irmãs exigindo a minha presença, pra somar forças. Elas, coitadinhas, sabem o quanto é difícil e dolorido assistir o velho Tio deixando a vida se esvair. Tudo começou, assim me disseram, com um tumor no fígado. Depois apareceu um calombo no pescoço, bem ali debaixo da orelha esquerda. Não sei o que deu nele, nem mais se aguentava com o

fígado, aí resolveu mexer com o tal calombo, sem sequer falar com o médico. O resultado é que o bicho estourou pra fora, foi crescendo, foi comendo, foi corroendo tudo que vinha na frente numa fúria incontrolável.

Deu pena ver o sofrimento do Tio, dores em todo o corpo, o rosto se desfigurando aos poucos. A impressão que tenho, toda vez que recebo a chamada, é que o dia dele está chegando. Mas é assim mesmo, sempre vem um dia depois do outro. Quando recebo o telefonema do Rio penso logo: pronto o Tio se foi, graças a Deus! Parou de sofrer, foi descansar junto das mulheres que teve. Corro pra pedir licença do trabalho, sou enfermeira, meus superiores lidam com esse problema diariamente, sabem como é o caso, aí me mando pro Rio de Janeiro, às vezes de carro, quase sempre de ônibus, mais raramente vou de avião, porque é muito caro.

Da última vez que estive lá pude constatar que a caverna tinha se alastrado um pouco mais e ameaçava intervir no olho esquerdo. O velho Tio estava se alimentando com sonda, e a morfina seguia junto com o alimento pra ele suportar a dor. Dormia mal, muito mal, quase não dormia e às vezes eu duvidava se dormia mesmo ou estava em vigília permanente. Isso acontece quando o doente não tem mais o sono como componente de recuperação ou cura. E quando estava acordado não se via nenhum resquício do homem alegre, aliás, como ter algum contentamento naquele estado?

No entanto, eu vislumbrava um minúsculo sinal de contentamento de me ver chegar com os peitos sacudindo. Certa ocasião me convenci e aos demais da necessidade de levá-lo a outros médicos fora do Rio de Janeiro, em São Paulo, talvez, mas fui voto vencido, inclusive pelo medito assistente. A sós ele me confidenciou que *não tinha mais jeito*. Como ser humano é

claro que isso me deixa de certo modo revoltada, reconheço que esse momento que *não tem mais jeito* de verdade existe, mas como posso, como profissional de enfermagem, dizer a um paciente que ele *não tinha mais jeito*?

Ainda mais sendo o Tio, que todos amam, jamais isso poderia ocorrer. O choque de sentimento e diretrizes profissionais me perseguiu e durante esse tempo fiquei como que desorientada, dolorosamente sendo forçada a aceitar e suportar aquela situação, que me encurralava no beco sem saída, que não permite ter nenhuma esperança. Pretendia me casar, mas não podia, tive de adiar sucessivamente a cada chamada que recebia do Rio. Os dias passavam e o Tio não tinha como se recuperar, o desfecho de um drama, que mexeu com todos da família e afins, parecia não chegar ao fim.

Como todos estavam se sentindo? Como esperavam se portar quando chegasse o dia fatal, que todos tinham em mente? Continuava viajando sem parar. O olho esquerdo do Tio – me contaram – estava totalmente tomado pela doença. A cavidade, igual à vulcânica cratera, se alastrava inexorável. Como um incêndio na mata, o fogo em círculo distendia cada vez mais o centro, expandindo a circunferência até onde o combustível o alimentasse. Tudo destruído, tudo carcomido. Voltei da última visita completamente desiludida e pedi que só me chamasse quando do enterro. Assim me despedi do velho Tio em vida.

Tentei não pensar se as coisas seriam mais graves na guerra ou durante uma catástrofe, porque fui treinada para suportar tais crises e encarar a morte como inevitável, aleatória e às vezes muito desgraçadamente violenta e fria, mesmo quando tudo em volta é paz. Mas aqui, nesse caso,

pesava mais o amor, o afeto, a família tribal, todas as coisas pesavam mais do que o dever a cumprir. Ver o rosto desfigurado do velho Tio não é o mesmo que enfrentar as feridas de uma guerra nem lutar contra as consequências de uma calamidade. Explodir com a explosão de uma granada ou receber um aviso lacônico anunciando a morte do Tio?

Dessa vez fui de avião mesmo, depois de receber um recado por telefonema, que me avisou da morte do Tio. Quase não podia falar. Estava abobalhada. Nem mesmo o fato esperado me impediu de sofrer a despejar muitas lágrimas. As lágrimas, mais que tudo esperadas, não podiam ser contidas num mero soluço. Já cheguei atrasada, no cemitério o corpo já ia sendo encaminhado ao crematório. Depois, fui visitar todos os familiares, reencontrei-me com Osmar, tentei consertar-lhe a cabeça, parcialmente abalada pelos tempos medonhos.

Comprei um apartamento no subúrbio, bem distante de Copacabana e arrumei tudo direitinho, então me casei. A festa de casamento foi como todas as festas de núpcias: muita bebida, muita gente, parentes e amigos, muitos risos, as célebres piadas a respeito do casal, a gravata cortada para a vaquinha. Todos os meus primos filhos do Tio estiveram lá, mesmo que por pouco tempo. Isso foi gratificante, mas bem que seria mais maravilhoso se ele estivesse aqui entre nós. Dizem que está olhando tudo lá de cima. Então também há de reparar em mim, que vivo exibindo por aí orgulhosa a minha avantajada barriga.

TRAGICOMÉDIA SANLUIZENSE

UM

Domingo, em frente à igreja.

— Careca caiu da jaqueira porque disse que ia foder com Nossa Senhora das Graças.

— Foi castigado e quebrou a perna!

— Tu acreditas em Deus?

— Acredito.

— Por quê? Como e que tu provas?

— Olha para cima; olha em torno de ti; olha para baixo; mira-te num espelho.

— E nos santos? E em Jesus Cristo

— Santos são pedaços de pau. Cristo foi um inteligente profeta. Tudo se explica.

— Vamos parar com essa discussão. Religião e política não se discute. Só dá rolo e ninguém acaba provando nada.

— Cala a boca Elizeu, deixa que a discussão está boa.

— Caburé-, puxa o sino da igreja.

— Quebra o galho?

— Quebro.

Blém, Blém, Blém, Blém, Blém, Blém, Blém, Blém, Blém...

— Pára com isso, seu filho duma égua! Não ta vendo que a gente está conversando?

— Foi o Moacyr que mandou.

— Eu não mandei nada!

— Conversando não, gritando.

— Eu disse que essa discussão ia acabar em bolo.

— Cala a boca Elizeu!

— É só tirar esse bando de criança daqui.

— Criança e tu?

— Olha o cascudo. Depois eu mando chamar o teu pai que eu também não tenho medo dele.

— Não tem? Tu és pixote perto dele.

— Pára com isso Picó, tamanho macho discutindo com criança!

— Tu não guardas um retrato de teu pai para recordares dele? O mesmo acontece com os santos. A imagem ê para manter na lembrança a recordação dos grandes apóstolos.

— Começou de novo?

— Vamos falar de futebol, gente.

— Cala a boca Elizeu, tu não entendes disso. Eu não entendo e não discuto, vocês não entendem e ficam discutindo besteiras.

— Quem não entende? Eu?

— Leu nada! Eu também li e não sei coisíssima nenhuma.

— Cala a boca, burro!

— É o CDM. Olha a porrada.

— Vamos parar com a discussão.

— Ninguém vai brigar.

— Eu disse que essa discussão acaba...

— Cala a boca Elizeu, poxa!

— Olha o sino Caburé. Agora eu aguento o galho mesmo.

— E o quê que tu achas das reformas protestantes de...

Blém, Blém, Blém, Blém, Blém, Blém, Blém, Blém, Blém, Blém...

— Cascudo nele, turma.

— Ai!- Foi... Ai, ai, ai, hum, huumm...

— Agora ele vai para casa dormir.

— Vai ver o que tua mãe está fazendo com teu pai na cama.

— Não adianta vocês puxarem protestantismo aqui, eles não acreditam nos santos. E a gente está falando e de santo e de Deus.

— E o massacre que os católicos fizeram nos protestantes?

— E a perseguição? E o Santo Ofício?

— Naquele tempo o catolicismo foi dominado por um bando de charlatães e aproveitadores. Perseguição maior os cristãos tiveram em Roma, nem é preciso dizer.

— Todo mundo sabe. E foi o que fez o catolicismo firmar-se até hoje. Vê o comunismo, se não perseguirem não subsistirá, a não ser pela força.

— É um regime que não se adapta a nós.

Blém, Blém, Blém, Blém, Blém, Blém, Blém, Blém, Blém, Blém.

— Quem foi agora?

— Quem e o palhaço? Vamos executá-lo...

— Agora foi o padre, porque está na hora da missa.

— Deveria ser executado também.

— Atenção ao respeito!

— Bom, quem quiser ficar ateu que fique, eu agora vou assistir à missa.

— Essa e a primeira chamada. Ainda tem mais duas.

— Eu vou à praia...

— Eu também vou, mas nem por isso deixo de assistir à missa de domingo. Não custa nada, são apenas alguns minutos para adquirir tranquilidade o dia e a semana toda.

— Idem, idem, vamos assistir Paulo, vamos Moacyr

— Eu também vou.

— Eu não posso ir, Elizeu, tenho que ir ao mercado fazer as compras para os barrigudinhos. Sabes como é a vida de casado...

— Lá vem o Caburé! Já acordou Caburé?

— Já, eu vou ajudar a missa.

— Ai padreco, vais pro céu, fieira...

— É a mãe!

— Vais apanhar filho-duma-égua.

— O que é isso, Careca. Tu provocas e depois vai bater no menino? Tu sabes muito bem que ele não é certo da bola.

— Menino! Um cavalão desse tamanho! Eu não xinguei a mãe dele.

— Bem, quem vai à praia, vamos. Tá na hora.

— Moacyr, me espera lá que pelas dez horas estarei chegando.

— Tá certo...

— Para gente fazer a pelada. Picó também.

— Tá certo.

— Afinal de contas quem vai à missa?

— Só tu.

— Só eu? Então eu não vou. Só tem católico da má aqui.

— Então vamos à praia.

— É isso mesmo.

— Vamos Elizeu!

— Estou liso, não posso ir.

— Espera que eu vou vestir o meu short.

— Liso? E nós aqui, não somos teus amigos? Deixa que eu pago.

— O que é do homem o bicho não come.

— Boa Elizeu.

— Sabe Moacyr, Deus me perdoe, mas aquela discussão sobre Jesus, santos e Deus já estava ficando chata demais. Eu só estava querendo encher

o saco do Careca porque o time dele perdeu ontem e vocês chateando o tempo todo. Tu sabias que o Vasco perdeu ontem? Foi de 3 x 0.

— Não te esquece que eu também sou Vasco.

— Mas Careca é ranzinza, fanático, doido mesmo.

— Picó, não te mete com esse negócio de Deus, rapaz.

— Deus não vai perder tempo comigo. Ele quer é vocês.

— Olha o Xexéu. O que há, Afonso? Tudo bem?

— Tudo bem. Vamos à praia?

— Vamos Olho D'água beach. Topas?

— Eu já estou indo, ora.

— Vamos fazer o nosso time lá?

— Vamos. Picó, joga? Ora se joga, hem Picó?

— Tou lá. Só vendo aqueles caras entrando pro nosso time.

— Vais Elizeu?

— Ora se vou! E com patrocínio exclusivo.

— Vamos esperar mais alguém aqui? Para completar o time.

— Olha lá para gente não chegar atrasado.

— Tem tempo. Lá vem o Careca. Ei Careca, acelera que está na hora da gente se mandar. Olha como ele corre...

— Faltam vinte pratas para interar a minha. Quem é o candidato?

— Eu já estou pagando a de Elizeu. Paga ai Xexéu?

— Pago. Vamos.

— Quantos craques nós já temos?

— Eu, Moacyr, Elizeu, Careca, Xexéu, Picó...

— Eu quem? Ah meu patrão Carlos, não tinha te visto.

— Vai ver estou pintado com aquela tinta que deixa a gente invisível...

— Que tinta?

— Cala a boca Elizeu. Ô sujeitinho burro. Nem eu!

— Agora cala a boca tu Picó. Já tem seis. Vamos?

— Vamos.

— Lá vem um ônibus, vamos aproveitar?

— Tá cheio!

— Tu não és moça, és? Vamos.

— Lá vem mister Mario. Vamos Mario!

— Sete, nosso time está bom!

— Vamos gente!

DOIS

Conversa na feira

– Ah, dona Marieta, a senhora não imagina quem eu vi ontem à noite agarradinha com o moleque do Acácio. A senhora sabe quem é ele, não? É aquele molecão que já tem uns vinte e tantos anos e nunca quis nada com estudo. Vive consertando carros, feito mecânico de lambretas e outras coisas mais. Sabe quem é, não sabe? Pois a Mariazinha, filha de seu Armando com dona Júlia, estava agarradíssima com o tal sujeito. Eu vinha da minha reza de todos os dias, a senhora sabe que eu vou todos os dias à igreja fazer a minha oração, pois ontem quando eu vinha descendo de lá da igreja, vi um vulto atrás daquela árvore que fica na frente da casa do seu Armando – veja bem, na frente da casa do próprio pai! –, eu até pensei que fosse um ladrão ou algum bêbado que estivesse por lá. Fiquei com medo até. Mas quem vai com Deus não tem medo de nada, não é dona Marieta? Apertei o terço nos dedos e segui com fé. Parecia um só vulto, uma só pessoa, de tão agarrados que estavam. Aí, na hora em que eu ia passando, veio também um automóvel e focou as luzes naquela direção. Ah, dona Marieta, nessa hora eu vi tudo! Os dois agarradinhos que só! E tem mais, lhe garanto que não estavam somente se abraçando, não. Tinha mais coisa. Ora se tinha! Depois aparece filho por aqui e vão dizer que é um sobrinho que veio de São Paulo, não é?

– Ih, dona Zilda, a senhora vem contar isso logo para mim, que sou vizinha daquela viúva que mora sozinha com a filha? Eu já estou acostumada com essas coisas. Lá então é que o negócio e de chamar a polícia. A filha dela, de 16 anos, faz aniversário todo mês, só para ter uma festinha lá. Aí então, aparecem os primos da cidade, os tios da menina... Tios! Me diga se aquilo é jeito de tratar a sobrinha? Dando beijos e apertos por todos os

lados? E a menina fingindo ingenuidade, risinhos e beicinhos, trejeitos de donzela... Eu que nem ligo pra isso, mas se ligasse eu iria ver muito mais coisas. Repare que depois da farra sempre fica faltando sair gente. Eu nunca contei, mas a Maria, minha empregada, ficou um dia inteiro sem ver o namorado – namoro sério hem, já estão noivos! – para contar as que entravam. No fim das contas, entraram quinze e saíram só dez, os outros eu não sei aonde foram parar. Só sei que não meteram a cara na rua porque a Maria me disse. E a Maria me conta cada coisa! Dava para encher uns vinte livros daquele escritor francês que nasceu com a imoralidade na boca. Um tal de Balzac, que inventou esse negócio de chamar a gente de balzaqueana. Ah se eu pego esse cara!

– Dona Marieta, eu vou lhe falar uma verdade agora. Nós, que ficamos em casa trabalhando e cuidando dos nossos filhos, sem querer saber da vida de ninguém, é que somos as bestas e idiotas. Eu nunca traí o meu marido, mas um dia, na festa do padre Coutinho eu vi um rapaz lindo que me deu vontade de fazer alguma coisa com ele. Mas a senhora não vai dizer a ninguém, viu? Depois eu descobri que ele era irmão do marido de dona Zezé, lá da Rua do Meio, sabe? Mas é um rapaz tão bonito que eu fiquei toda tremendo. E ele ainda me olhou com um olhar de quem topou. Por isso que eu digo: se a gente fizesse como essas que fazem safadeza a qualquer hora do dia ou da noite, todo mundo iria falar de nós. Mas como não fazemos nada a não ser trabalhar...

– E não é dona Zilda? E elas fazem tudo isso e ninguém, mas ninguém mesmo, fala delas. E se for falar vai escutar muita coisa boa. “Não é da sua conta. Vá cuidar de seu marido que anda por aí com a boca aberta se babando todo pra gente!” Ou então: “É, tá ficando coroca e não tem outra coisa pra fazer a não ser falar da vida dos outros.”

– Disseram isso para a senhora, dona Marieta? E a senhora não falou nada para essas putinhas? Ah, se fosse comigo eu mandava logo para o inferno ou lugar pior. Ia à porta da casa dela dizer todas as safadezas que eu já vi por aqui. É verdade que...

– É dona Zilda, e ainda disseram que eu andava com a senhora fazendo certas coisas que só aparecem no pensamento dessas infelizes. Eu nem ligo. Só porque nós gostamos de conversar e ficar juntas nas horas em que elas estão no caminho da perdição, ficam por aí falando da vida da gente. É como a senhora disse...

– Dona Marieta! Será que já descobriram algo? Ai meu Deus! Eu nunca pensei que essas meretrizes fossem falar isso de nós. Quem foi que lhe disse isso, dona Marieta? Eu quero saber quem foi essa desgraçada que eu farei desdizer letra por letra. Ah, Jesus! Que perigo nós estamos correndo aqui, a mercê dessas línguas impuras! A senhora vai me dizer quem é essa tal, não vai? Essa doninha vai se arrepender de ter nascido. Eu sei a vidinha que essas faladoras vivem, minuto por minuto. Eu até já sei quem foi...

– Uma zinha à toa...

– Qual, meu bem, é melhor deixar isso pra lá e viver a vida de sempre. Eu, que vou todo dia à minha rezinha, vou me trocar com qualquer uma? Eu não! E a senhora também dona Zilda, que ontem mesmo foi fazer a sua oração e deparou com aquele quadro estarrecedor, vai se meter com essas vagabundas da rua? Não faça isso! Continuemos com a nossa amizade pura e deixemos o resto. É a melhor vida que a gente pode levar. Eu tenho meu marido, elas têm que procurar um marido na rua porque não é

qualquer rapaz direito que quer casar com uma garota que já provou boca de muita gente. Meu marido foi o meu primeiro namorado e ninguém mais me tocou com os lábios a não ser meu pai nó dia do casamento e minha mãe também. E eu sei que a senhora é assim também. Nós somos da mesma época e sabemos como era a vida boa e saudável daqueles tempos. Meu marido me roubou e fomos casar no civil lá em Belém. Depois de um mês foi que voltamos para casar na igreja. Papai, então, não podia fazer mais nada. E a senhora pensa que o meu marido não era de boa família? Pois era. Veja se os nossos filhos andam por aí com esses vagabundos? Eles saem sozinhos, jogam futebol, brincam de bolinha e até chegam sujos em casa, mas se sabe que estão em boa companhia.

– Pois é. Sabe o que aqueles moleques andam fazendo por aí? Aquele tal de Piscofó, com Elizeu e mais Careca e Moacir? Andam pegando os animais – a senhora sabe, burra, cachorra – e levando para aquele grotão que tem lá embaixo para fazer... A senhora sabe o quê... E ainda levam o coitado do Caburé, aquele meio biruta, para fazer o mesmo. Se nossos filhos andarem por aí junto com eles, é bem capaz de se perderem também. Uns pecadores!

– Deus meu! Animais! Também é só gentinha. Uns a mãe não liga e outros nem mãe têm mais. É uma perdição total. Mas, dona Zilda, a senhora comprou esse coxão para o almoço? Está bem bonito! Dá um assado de primeira, hem?

– Ah, eu vou fazer um assado de forno, que só vendo! A senhora não quer ir provar um pedacinho?

– Não, querida, eu tive que comprar uma galinha para o meti marido, que está louco para comer uma galinha assada, e se eu demorar mais acho que não dará tempo de arrumar tudo. Depois eu apareço por lá para conversar mais um pouco contigo, bem.

– Depois do almoço, você vai lá na minha casa, vá sim. Até logo, dê lembranças ao seu marido. Um beijo.

– Até logo querida, lembranças a todos lá.

TRÊS

No campinho da pelada

– Dá a bola, Caburé! Não dribla!

– Careca não veio jogar hoje, hem.

– É, não veio. Olha quem esta chegando!

– Ôba Picó! Quê que há de novo? Vamos à pelada?

– Nada. Tem vaga pra mim aí?

– Ora se tem. Nós, os bons de bola, não sobramos, né?

– É isso mesmo.

– Ôba, Picó, quê que há? O que tu tens que estás amarelo que nem tabatinga? Olha esse negócio, já estou ficando desconfiado...

– Altas comidas! Altas e refinadas. Material de primeira!

– Quem é? Bate a ficha. Alguém daqui?

– Não. É da cidade, vocês não conhecem. Chega pra cá, que eu vou contar. Mas, atenção, nada de bater a ficha pra ninguém. E que a Maria Augusta não saiba de nada, senão estou *fufu* hem?

– Tá certo, tá certo, aqui não tem mais criança. Ora, Picó, tu sabes que eu nunca contei nada a ninguém das coisas que eu sei. Pode contar.

– Eu já sei que isso é arara. Vai sair mentira!

– Mentira? Porque tu estas me vendo assim pensas que eu não tenho pinta? Não quer escutar, cai fora!

– Se queimou?

– Queimei. E dai.

– E dai conta a tua história.

– Vamos Parar com isso! Começou tão bem...

– É esse caguete aí. O bonitão!

– Ah, bonito eu sou mesmo. E macho hem? Muito machinho!

– Pronto! O Pai do mundo chegou!

– Que nada rapaz, eu estou brincando! Conta Picó a tua aventura.

– Bem, foi o seguinte: eu ia descendo a Rua da Paz e passei pelo parque. Como eu estava liso, fiquei só dando uma espiada. E tinha uma morena lá dentro que era o máximo. O papai aqui mandou a bola! Fiz que não estava vendo. Foi a conta dela cair. Ficou olhando e soltando um bolão

daqueles. Esse rei a salda dela do parque, é claro, pois eu estava liso. Não demorou muito eu encontrei o Alfredo, aquele lá da cidade. Falei com ele e contei o bafafá todo. Ainda tinha uma dona com a tal morena que devia ser a irmã dela. Quando elas saíram eu encostei direto. O burro do Alfredo ficou com medo de encostar logo e eu apresentei a irmã dela a ele sem conhecer ninguém...

– Fomos descendo a Rua da Paz e viramos pra Rua do Sol. Mais adiante entramos naquela outra rua, que fica atrás da Rua do Sol. Qual é mesmo aquela rua?

– É do gás, não ë? Voluntários da Pátria?

– É essa mesmo. A essa altura já sabe como que o papai estava, não? Agarradinho com a dona. Diz que o nome dela e Nely. Dei uns acochos nela lá na esquina da casa dela, enquanto o Alfredo ia deixar a irmã em casa. Aí, botei pra foder. Ela berrou que não e eu entrei com a cantada. Mas não deu nada mesmo. Não sei por quê. Depois, no outro dia, a dona se abriu todinha pra mim. Essas mulheres ninguém entende mesmo.

– Ô Picó! Queres jogar? Estamos dividindo!

– Quero! Mas ficou assim! Ate que ela se encha de mim eu vou comendo. Pra quem está parado...

– Poxa, uma dessas não acontece comigo.

– É que tu és feio... Sai, desgraça!

– Olha a pelada, quem vai? Vamos!

– Ê Xexéu, tu estavas brincando mesmo?

– O quê?

– Aquele negócio da mentira...

– Ah, estava sim. O senhor é picado mesmo! Deixa isso pra lá, vamos bater uma bola que é!

– A saída é nossa.

– E por quê? Vamos tirar par–ou–ímpar.

– O nosso time está mais fraco.

– Fraco? Elizeu, Caburé, Xexéu...

– E vocês? Pico, Moacyr, Mário...

– Tá de igual pra igual. Vamos no par–ou–ímpar mesmo.

– Tá certo! Quem e o capitão do teu time?

– Sou eu. Eu quero par.

– Eu ímpar. Deu ímpar! É nossa a saída.

TRÊS ANJOS, TRÊS DEMÔNIOS

UM

A visionária

Ela parou de repente. Virou-se para mim com um ar enfurecido, mais como se fosse de uma zanga fingida. Na verdade quase sorriu ao falar.

— Quer parar de me seguir e de me olhar desse jeito?

Sorri tentando conquistá-la a meu modo, de imediato, na surpresa. Tinha os cabelos louros e os olhos azuis. Era um pouco alta, esguia, andava como se estivesse fugindo. Ou chegando, talvez.

— Como você sabe? — perguntei.

Ela justificou, conversou, contou coisas, também querendo encontrar um homem. Não escapou jamais da conversa. Era como se dois solitários se encontrassem de repente e de repente se unissem.

— Eu vi.

Agora foi minha vez de justificar, buscar conversa, querendo, como um homem de hoje, me encaminhar para a cama, apartamento ou hotel, seja lá o que for, não acreditando nunca no "eu vi" (ela nem virou as costas desde o inicio da paquera).

Sem mais nem menos virou o rosto e passou a fitar o horizonte como se visse coisas. Novamente, de súbito, me encarava e suas palavras saíam de chofre, fluentes como águas de rio.

— Você está querendo me ganhar, eu sei, como um sujeito qualquer. Está pensando que sou fácil, no fundo gostando de mim. Gostar é sincero, sentimento grande. Sabe que gente como você e eu pode gostar do mundo inteiro?

Ela falava como uma cigana, lendo a vida, o modo destemido e aberto de ser.

— Às vezes tenho medo das coisas que sei, de tudo que vejo em demasia, além do necessário. Não gostaria de saber que existe outra pessoa assim... Nós vamos nos amar, não vamos? E tudo bem. Sei como é: um desses ótimos na primeira vez, mas depois. Depois? Precisa de muito espaço para tornar a ser bom de novo. Isso é mal, mas também sou assim.

No fundo me sentia vazado, esquadrinhado e transparente como uma rede de pesca.

— Não precisa ter medo como um marido assustado. Conheço perfeitamente essas marcas, são as mesmas que a polícia deixa em suspeitos e criminosos, marcas de cigarro, unhas arrancadas, hematomas de espancamento, marcas de confissões. Confissões, amar e ser amado, sofrer mais que trazer sofrimento, basta pensar além do seu hoje e dos demais homens. Ora, ora, vamos amar logo, vamos para a cama. Não vê como está tudo destruído?

Olhei para os lados, os edifícios estavam todos de pé, sólidos blocos de cimento e ferro, os vidros reluzindo reflexos de luzes. Mas logo me dei conta do centro da cidade, alguns bairros, as obras do metrô e fiquei assustado. Lá estava tudo destruído, áreas de tijolos e barro espalhados pelo chão. Buracos nas ruas e dentro da gente. Buracos.

— Sim, está tudo destruído, confirmei.

Saímos do apartamento depois de várias horas de amor, amor e gozo, justo como dois solitários que se encontram, fazem tudo e conversam sobre solitários, solidões, essas coisas todas que a cidade grande traz até nós, nuas e cruas: morte, vida, ódio, egoísmo, essa coisa toda. Violência.

— Posso confiar um segredo?

Logo quem. Ela sabe muito bem que não existem mais segredos, todo mundo sabe de tudo. Eu mesmo vou encontrar um amigo na primeira esquina e contar tudo como foi. A cantada, o jeito de fazer amor, as posições, a mulher nua, a forma dos seios e do ventre, mas quem sou eu para não aceitar um segredo?

— Veja você mesmo, você não vai acreditar, eu sei, nem ninguém não acredita, nem adianta contar.

Ela ria um pouco nervosa. Levantou os cabelos louros da nuca e estava lá, eu vi um olho perfeito e azul como o infinito.

Mas ninguém vai acreditar.

DOIS

Alegrias, alegria

Copacabana reluzia. A noite estava quase no fim, era já madrugada, mas persistia aquela semiescuridão cintilante provocada pela névoa que subia úmida e salgada, vinda das ondas da praia. A mim parecia mais um fim de noite como outro qualquer. Bebi, estava meio bêbado e com sono, daqui a pouco o sol vai aparecer e com ele milhares de pessoas, ônibus, fumaça e vícios não vampirescos. Bebi vodca, bebi o sal, aspirei a vasa.

Antes que isso ocorresse, tinha de me entocar rapidamente, me enfiar num quarto escuro, numa cama qualquer, de preferência com um monte de carne a meu lado, de preferência um corpo de mulher... E só acordar de novo quando o entardecer houvesse diminuído o brilho criminoso da luz do dia, só viver de novo quando as luzes da light anunciassem o recolhimento compulsório de toda aquela gente que gastara sapato, sangue e suor inutilmente percorrendo o asfalto, os edifícios, numa correria tresloucada e sem fim.

Copacabana reluzia e entre a névoa surgiu um corpo de mulher, justamente o corpo que eu estava desejando, moreno, de andar macio, aconchegante, naquele ondular marulhado e escorregadio como onda de beira de praia. O corpo todo ria e era contagiante esse riso. Olhei, ela olhou, seu olhar tinha a força e a cor da natureza. Os cabelos iam descendo serenos até a cintura, mas sua boca e o sorriso eram como um corte de navalha. Quando os lábios se uniam a gente tinha a impressão de estar vendo uma mulher sem boca.

Mas falava. E cantava. E na sua fala/canto ia e vinha uma frase perdida: "Os homens estão decapitados, os homens estão sem cabeça..."

Isso me trouxe à memória uma cena que vi num filme. Era em um país oriental — Iraque talvez —, havia uma execução pública, numa ampla praça, aonde as poucas gentes iam passando, sem se importar muito, não sei. A cena era difusa. O condenado foi trazido com as mãos atadas às costas, ajoelha-se resignado, o carrasco levanta a agudíssima espada e executa a pena com precisão.

O corpo tomba e a imagem registra a cabeça ainda no ar, flutuando, em câmara lenta, como um astro perdido no espaço. Ao longe os turistas continuam fotografando os prédios antigos, os vendedores ambulantes e enfeitiçadores de cobras, que constituem atração nesses países.

Me lembrei também da França na época da Revolução. Quantas cabeças não rolaram rumo ao cesto naqueles inquietos e violentos dias? O que significou realmente o advento daquela automática invenção de matar? Não foi a guilhotina a executora da primeira matança em série? Antes da guilhotina só a forca e a fogueira. Mas separar a cabeça do corpo é diferente. Significa muitas vezes tirar a própria alma (o cérebro).

Talvez aqui o significado fosse aparentemente o mesmo. Cortar a palavra? A informação? Seus lábios unidos deixavam a pele ficar uma superfície lisa, e ninguém seria capaz de dizer que ali era o lugar de uma boca. Era tudo uma pele só. Afora isso ela era toda alegria, contagiante, fazendo esquecer qualquer tristeza...

De repente ela pulou na areia da praia e saiu cantando, dançando, soltando risos e gargalhadas. Sua voz era como a voz de uma sereia que eu seguia, cego, no rumo do mar. Depois não vi mais nada, somente o canto longínquo e solitário, dolente como a cantar das iaras.

Corrido pelo sol que ameaçava aparecer, sumi na primeira esquina, no rumo da minha toca. Acho que vi ao longe, uma despedida, um aceno e um sorriso largo, sincero.

A escuridão estonteante do quarto, debaixo do cobertor, trouxe-me um sono carregado de pesadelos e agitações. Senti uma afiadíssima navalha decepando de um só golpe a minha cabeça.

Ou meu pênis, sei lá.

TRÊS

Sexo, axila

Ela chegou com os cabelos desgrenhados, trajando calça de brim azul, desbotada, um camisolão de lona que descia até os joelhos. Ela sustinha aquele estilo largado, como uma santa na beira da estrada, bem à vontade, e a gente nunca sabe se está drogada ou não, na maioria das vezes dominada pelo doping moral, asfixiante, vício de cidade grande, desumana.

É gente que precisa de gente, assim como quem precisa de água. Gente amiga que anda pelas cidades vagando como anjos, perdida como demônios. Falava gírias tão alienadas como as outras, mas entendíveis. Hálito de hortelã, dentes limpos, sadios (e eu com esse maldito pensamento de drogas e bebidas – pura maldade!). Ela puxou um cigarro, acendeu e me ofereceu outro. Era desses mentolados.

Na conversa monossilábica que tivemos (mais por culpa minha), foi se chegando mais a mim e pude sentir seu corpo todo exalar um perfume de mato, cheiro de arbustos dos bons, como murta ou louro. O cabelo parecia mato seco, mas era perfumado como mato seco. Falava muito pouco, já disse, exprimindo-se mais por gestos. De silêncio em silêncio (aconchegante) resolveu se abrir (compreensiva).

E como uma flor contou alguns dos seus problemas. Comparados com um (sexual), disse ela, todos esses problemas não são realmente nada. Duvidei. Mas não muito. Estou acostumado a ver mulheres bonitas, lindas, com problemas idênticos, não por falta de homens, ela disse, mas por falta de total compreensão da fatalidade ou destino.

Quis logo fazê-1a desistir de encontrar compreensão por aí, como se fosse um monte de roupas sujas à espera de lavanderia. Desisti. Para quê jogar lenha na fogueira? Mas de qualquer maneira estranhei uma pessoa daquele tipo (digo, assim, como hippie ou coisa parecida), pois as que conheço pouco estão ligando para essas coisas, verdadeira arte de gente civilizada, de paletó e gravata.

Me contou mais: olhe, hoje está fazendo mais de mês que não tenho relações, não faço amor, sabe? Não trepo, não gozo, não sei o que é um carinho, entende? E eu sou uma mulher, uma mulher é uma mulher, entende? Entendo. Quando se encontra em fase de virgindade, o sexo é apenas um ponto de referência, um ardor, um desejo. Saiu daí vira seiva, vitamina, alimento, ar, sol, essas coisas indispensáveis Para continuar vivendo. Sem amor, o sexo é desolação, morte, seca...

Eu faria, mesmo que ela não pedisse, aliás, estava louco desejando, querendo fugir para qualquer lugar desolado da terra para poder fazer amor com essa índia civilizada, desconhecida. Falei: não implora, porque é feio e desumano ter-se que pedir amor, implorar sexo. Você vai comigo. Vai? Vou. Vai me entender? Claro que sim. Posso dizer sem temor que sou capaz de entender toda a humanidade.

Com licença dos sábios e pecadores, profetas e sabichões, cada época é diferente e cada gente, nessa época, também difere das demais. A mudança e sutil e somente a análise post-mortem dos historiadores registra essa mutação tão coerente com a caminhada da civilização. Quando alguém disse que nada se perde, tudo se transforma, estava mistificando a ideia de

evolução. Bastaria ter dito TUDO SE TRANSFORMA e assim explicaria todas as coisas, a raiz, o corpo, a planta.

Hoje essa lei está simplificada para MUTAÇÃO. Tanto mutação de mudança - de local para local, como mutação de evolução - de estado para estado. Neste mesmo instante a meu lado caminha uma mutante. A mulher que me fala, me canta, me deseja é a mesma crioula que fez o jesuíta da colonização pecar e largar a batina e gerar o primeiro mulato brasileiro; é a Chica da Silva que conquistou o branco com o rabo; é a Gabriela baiana que derrubou o turco pelas pernas; ela mesma está agora aqui ao meu lado me convidando para a cama.

Eu já sei o que vou sentir quando me arriar com ela num lugar qualquer para fazer amor, foder, vai? Ela insiste de novo. Vai? Vou. Tenho espírito preparado para entender toda a humanidade, se preciso for, e por isso é que jamais vou entender as guerras, assassinatos, egoísmo, a tara pelo dinheiro, poder, violência... Só essas coisas, sabe, não vou entender nunca. O resto meu coração recebe e guarda tudo, até o inferno chegar. Ou o céu.

Passamos por recantos, caminhos para mim desconhecidos, entre prédios, calçadas escuras e vielas escorregadias, aos poucos aparecendo à população daquela estranha cidade.

Veja, mostrou-me, homens mulheres e crianças se escoravam nas paredes, escorregavam pelo chão como se estivessem desamparadas, as ampolas vazias se acumulavam pelo chão, algumas pessoas cantam, outras apenas gemem palavras inúteis, o nome de alguém, como se lamentando da ausência.

Ela me puxou com alguma violência, rapidamente correndo, fugindo, de repente parecia que alguns daqueles seres queriam nos agarrar, puxar para si, seus corpos pegajosos arrancando-nos as vestes. Fugimos.

Ela se deitou nua cama feita de relva, linda, a pele lisa como a de um bebê, sem nenhum pêlo, a não ser uma penugem fina, como a de um pintinho recém-nascido...

Vem, vem – disse num sussurro – e levantou os braços deixando entrever nas axilas peludas o buço macio que envolve o sexo.

Eu fui.

Um dia de São

Entro no elevador. O cabineiro nem me recebe nem me repele. E assim todos embarcam. Uma placa diz:

FALE COM CLAREZA O ANDAR
NÃO FUME NESTE ELEVADOR

Falo com clareza – 15º andar, por favor. E já faz bem uns vinte anos que parei de fumar. A plaquinha tem outras companheiras:

O RESPEITO ÀS LEIS DIGNIFICA A FIGURA HUMANA

Que merda! Por que a gente tem de viver sempre invertendo as coisas? Para mim o correto seria justamente o contrário:

O RESPEITO À FIGURA HUMANA DIGNIFICA AS LEIS

Há muito tempo precisamos inverter o relacionamento entre a Lei e o Homem. Mas qual o jurista ou legislador teria coragem de assinar isso? Um cidadão no elevador – recalcitrante bem se vê – solta lentamente a fumaça do cigarro bem nos nossos narizes. Mas está ali, bem à vista:

NÃO FUME NESTE ELEVADOR (Lei 912 de 1958)

Uma sineta anuncia o 15º andar. Se eu não vejo que chegou, o cabineiro certamente não se dignaria avisar. Encaminhado por uma agência, dirijo-me à sala 1509 para pedir emprego, mas a sala parece deserta. Uma divisória divide duas saletas. Êi! Bom dia! Tem alguém aí? Ninguém

responde. Arrisco uma olhada para dentro da sala, dou alguns passos, mas receio ser confundido com um ladrão. Parece mesmo que não tem ninguém. Só depois verifico que na porta tem um aviso:

DIRIJA-SE À SALA 1505 EM FRENTE

Dirijo-me para a sala 1505 em frente. Também não há ninguém, nem poderia haver porque está fechada. Quer dizer, vazia ou fechada dá no mesmo: não tem ninguém para me atender. E afixado na porta outro aviso, mas com o número da sala trocado:

DIRIJA-SE À SALA 1509 EM FRENTE

Volto para lá – o quê fazer? Releio o recorte do jornal e o memorando em que a agência me encaminha para o teste, para confirmar: está tudo certo. Avenida Rio Branco, sala ou grupo 1509, solicita correspondente com prática em serviço aduaneiro. Salário a combinar. Está tudo certo, sem dúvida alguma.

Talvez seja melhor arrumar um lugar para sentar e esperar que alguém chegue, não deve demorar porque deixaram a porta da sala aberta. Ou então sair, dar uma volta e retornar mais tarde, mesmo arriscando perder a vaga para outro candidato. O melhor é fugir, enfim, dessa situação esquisita.

Com medo de perder a oportunidade, sento-me numa poltrona na antessala e pego um jornal velho para ler. Leio todo o jornal, de cabo a rabo, conquisto tanta intimidade com ele, que agora é meu parceiro. De lá de dentro ouço as badaladas de um relógio. Ah, o relógio também é um ser

vivo, o pêndulo balançando pra lá e pra cá. Ao ouvir doze badaladas, sinto apertar uma fomezinha. Assim, resolvo abandonar a sentinela e o medo de perder a vaga – ao fim, não apareceu nenhum candidato mais – desço para comer alguma coisa.

No elevador: – Desce! Não sei se por conta das reações que a fome dá, leio a placa já modificada para melhor, como bem sugeri:

O RESPEITO À FIGURA HUMANA DIGNIFICA AS LEIS

Isso vem mostrar que a minha presença naquele edifício não foi em vão: a gente precisa mesmo modificar – lenta ou subitamente – certas coisas que andam por aí invertidas, sempre contra nós.

* * * * * *

No ônibus, o motorista abre a porta com visível má vontade e o trocador me recebe de cara feia. Só porque peço o troco integral, inclusive com todas as moedinhas que a gente deixa pra lá a toda hora.

Parece que há um conluio entre o pessoal que gosta de deixar o troco com os cobradores e os próprios caixas: tanto um como o outro nos olham como se fôssemos verdadeiros miseráveis, só porque exigimos nosso direito.

Convém lembrá-los dos avisos que nos rodeiam:

TROCO MÁXIMO OBRIGATÓRIO

Também lembro o riso sarcástico do motorista para o trocador e deste para o passageiro que teima em fumar dentro do ônibus. Eu sei: eles passam o dia todo sem fumar, mas basta entrar num coletivo para levar o cigarro ao bico e sair por aí soltando rodelas de fumaça.

É PROIBIDO FUMAR - PENALIDADE:
O PASSAGEIRO SERÁ RETIRADO DO VEÍCULO

Nesse espírito criminoso a conversa fica animada, todos sabendo das proibições, mas descumprindo-as alegres. O motorista deixa o amigo em frente ao seu bar predileto, fora do ponto. Somente então o amigo abandona o degrau da porta dianteira, mais ventilado, onde passou a viagem toda batendo um papo com o motorista.

FALE AO MOTORISTA SOMENTE O INDISPENSÁVEL

Mas não: o passageiro se abanca confortável e salta em qualquer lugar mais cômodo e tranquilo, desde que faça parte dessa estranha confraria.

É PROIBIDO PARAR FORA DO PONTO
É PROIBIDO VIAJAR NOS DEGRAUS

Música ao fundo! Música ao fundo! O obreiro deposita o aparelho de som no meio do corredor do ônibus. Com voz do pregador, pede com veemência: – Entregue-se a Jesus! Aceite Jesus como seu Salvador! Entregue-se a Jesus!

ELE É A SALVAÇÃO E A VIDA!

Se não salto logo no próximo ponto, ou não me entrego logo a Jesus, fico louco! Como ter fé nos letreiros, nos avisos?

É PROIBIDO O USO DE APARELHOS SONOROS

* * * * * *

Foi num dia desses em que o divórcio ainda não era aceito no país. A grande maioria dos religiosos defendia a tese de indissolubilidade do matrimônio. Valia ainda, por decreto divino, o *até que a morte nos separe*. Mas das bancas de jornais vinha o anúncio da boa nova:

O DIVÓRCIO VEM AÍ!

Ao passo que o feijão, bem, esse anda excursionando por aí, por causa de que os plantadores resolveram plantar outro feijão: o feijão soja. É O Pasquim que chargeia logo na primeira página. Nada de feijão preto, mulatinho, feijão do rio, carioquinha, feijão branco... Nada de feijoada, lombo de minas com feijão branco, bacalhau com feijão fradinho. O universo pertence à soja.

Isso quando não dava um surto de gripe na redação do quixotesco jornal. Bons tempos aqueles: um certo ar de feriado, clima de Congresso fechado, sei lá. Como é mesmo que essas coisas acontecem?

Cada vez mais o título de eleitor ganha importância de documento necessário mais receber dinheiro, preencher formulários e assinar documentos – mas não para votar. Eleição pra quê?

Salários e pensões miseráveis, os aposentados reclamando: trabalhamos a vida inteira e o que recebemos? Como recebemos? Querem tirar tudo da gente? Banqueiros e empresários anunciam lucros fabulosos nos balanços, as ações se valorizando na Bolsa, os rendimentos para os acionistas valem por muitos salários!

Mas, ora, ora, para que queixas? Um dia deste, tão luminoso, alegre, de sol e verão, vistoso! Não estão lendo as notícias esportivas? A seleção brasileira foi classificada para as finais, o Vasco da Gama venceu de goleada, o Flamengo é líder do campeonato e será campeão brasileiro!

Feijão, café, óleo, manteiga, sapato. Ora se estão tão caros! Leite, carne, peixes, ovos – o brasileiro precisa aprender com os faquires indianos a viver sem essas coisas luxuosas. A incitação vem dos ministérios:

EXPORTAR É A SOLUÇÃO!
EXPORTAR É O QUE IMPORTA!

De volta ao prédio misterioso, vejo que o elevador agora me parece bem mais familiar. Desgraçadamente, porém, aquela placa tinha revogado o meu texto, volta atrás e anuncia errado. Ora, pombas, afinal não estou aqui para consertar o mundo!

O RESPEITO ÀS LEIS DIGNIFICA A FIGURA HUMANA

– 15º andar, por favor. – Digo com clareza o andar e não fumo neste elevador nem em nenhum outro. Mais uma vez acontece: se não estou atento à chegada do andar, o distinto cabineiro nem me avisaria.

Dirijo-me outra vez à sala 1509, novamente à sala 1505, que por sua vez me encaminha para a sala 1509 em frente, que de novo me devolve. Sinto-me como uma bola de pingue-pongue, ou tênis que está na moda. Por fim, entro na sala 1509 e estou com o centro da sala à minha vista, toda mobiliada com móveis velhíssimos, luminosamente pretos, onde estão distribuídas pequenas pilhas de papeis, lápis, caneta, máquina de escrever.

Finalmente encontro alguém a quem me dirigir, o que não me remete a lugar nenhum. É um velhinho que deve andar já pelos oitenta anos. Veste uma calça surrada presa aos ombros por um suspensório. Uma camisa com os pulsos puídos, uma gravata de listas descoloridas, acompanham o conjunto. No encosto da cadeira, vejo um paletó azul-marinho, mais conservado que as calças, deixa muito a desejar.

O senhor parece mesmo uma figura do século passado. Vejo mais detidamente suas feições e noto o quanto a sua imagem, sem tirar nem pôr, é necessária àquele conjunto ambiente. No lusco-fusco vejo as mesas e cadeiras muito usadas, muitos maços de papéis, máquina calculadora, de escrever, anoto as marcas Underwood e Remington, cuja idade deve ser próxima ao do velhinho.

Pigarreio e faço barulho para ser notado. Bato o pé no assoalho sem brilho. Mas o bom homem não se dá conta da minha presença. Ele está trepado numa cadeira, no meio da sala, como quem mexe com algo, um relógio, uma lâmpada. É o que, de longe, parece. Penso que deve ser atacado de surdez e repito o bom dia com a voz bem alta, mas nada acontece.

Nada acontece. Daqui da porta posso vê-lo de pé numa cadeira, ainda penso que mexe com algo próximo ao teto, um relógio, uma lâmpada fluorescente, o que quer que fosse, que a minha visão obscurecida deixa imaginar. Espero com paciência que enfim termine o que está fazendo, para que depois me atenda. Fico vendo a figura quase imóvel, ali no centro da sala, ereta, majestosa quase, ainda que com aparência meio andrajosa, talvez pelo uso de roupas fora de moda.

Depois de segundos, sinto o corpo balançar, parece que se sacode de modo quase imperceptível, pra lá e pra cá. Ou será o pêndulo do relógio que traz essa imagem? Não sei explicar, mas aquilo me provocou um riso abafado. Olho em volta, o ambiente está deserto e silencioso.

Parece que não irei trabalhar ali, mesmo estando precisando muito de um emprego. Não gosto do cheiro de mofo, do ambiente mortiço, dos moveis e máquinas velhas. Acho que realmente não quero trabalhar aqui. Para falar a verdade, acabo de assumir a desistência e falarei disso ao velhinho.

– Olha amigo, senhor, digo tocando-lhe o corpo na altura das pernas. Não quero trabalhar aqui! NÃO QUERO TRABALHAR AQUI!

Falo bem alto, gritando até, por via das dúvidas, acho que ele deve ser surdo mesmo. Mas o velhinho nem liga. Balança pra lá e pra cá, volteia de leve como uma pluma. Gira muito devagar na minha direção, só então percebo que na verdade ele está pendurado numa corda que aparece por detrás, vindo do candelabro.

Seus olhos estão fechados, ele não ri para mim, mas descaradamente me mostra a língua debochada. De uma vez por todas, aqui não trabalho mesmo.

O autor

Salomão Rovedo (1942), formação cultural em São Luis (MA), mora no Rio de Janeiro, escritor, participante dos movimentos poéticos nas décadas 60/70/80, tempos do mimeógrafo, das bancas na Cinelândia, das manifestações em teatros, bares, praias e espaços públicos.

Poesia: Abertura Poética (antologia), Walmir Ayala/César de Araújo; Tributo (poesia)-Ed. do A; 12 Poetas Alternativos (antologia), Leila Míccolis/Tanussi Cardoso-Trotte; Chuva Fina (antologia), org. Leila Míccolis/Tanussi Cardoso-Trotte; Folguedos (poesia, gravuras de Marcelo Soares-Ed.dos AA; Erótica (Poesia), gravuras de Marcelo Soares-Ed. dos AA; Livro das Sete Canções (Poesia)-Ed. do Autor.

e-books: Pobres cantares (poesia), Porca elegia (poesia), 7 canções (poesia), Ilha (romance), A apaixonada de Beethoven (contos), Sentimental demais (poesia), Amaricanto (poesia), Arte de criar periquitos (contos), bluesia (poesia), Mel (poesia), Meu caderno de Sylvia Plath (rascunhos), O sonhador (contos), Sônia Sonrisal (contos), Cervantes, Quixote, e outras e-crônicas de nosso tempo (artigos), Gardênia (romance), Os sonetos de Abgar Renault (antologia), 4 Quartetos para a amada cidade de São Luis (poesia), Amor a São Luis, e ódio (poesia), Stefan Zweig, pensamentos e perfis (antologia), 3xGullar (ficção), Viagem em torno de Dom Quixote (ensaio), Suite Picasso (poesia), Quilombo, um auto de sangue (ensaio), Por onde andou o cordel? (ensaio), O cometa e os cantadores (ensaio), Liriana (contos). K. (romance).

Outros: Folhetos e Antologias de Cordel #1 a #4 (ass. Sá de João Pessoa); Jornalzinho Poe/r/ta; Colaboração: Poema Convidado(USA), La Bicicleta(Chile), Poetica(Uruguai), Alén(Espanha), Jaque(Espanha), Ajedrez 2000(Espanha), O Imparcial(MA), Jornal do Dia(MA), Jornal do Povo(MA), A Toca do (Meu) Poeta (PB), Jornal de Debates(RJ), Opinião(RJ), O Galo(RN), Jornal do País(RJ), DO Leitura(SP), Diário de Corumbá(MS) e outras ovelhas desgarradas na Internet.

Os e-books estão disponíveis na rede e também em: **http://www.dominiopublico.gov.br**

End: Rua Basílio de Brito, 28/605-Cachambi-20785-000-Rio de Janeiro (RJ)-Brasil-Tel:+55 21 2201-2604 – email: rovedod10@gmail.com - blog: http://salomaorovedo.blogspot.com



Foto: Priscila Rovedo